

FONOLOGIA HISTÓRICA
DO PORTUGUÊS

Todos os direitos desta edição reservados à Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gonçalves, Carlos Alexandre. / Belchor, Ana Paula.
Fonologia histórica do português /Carlos Alexandre Gonçalves /
Ana Paula Belchor

Campinas, SP : Pontes Editores, 2016.

Bibliografia.
ISBN 978-85-7113-796-7

1. Língua portuguesa - formação de palavras
2. Fonologia
3. Linguística - estrutura da palavra I. Título

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa - formação de palavras - 469.5
2. Fonologia - 469.15
3. Linguística - estrutura da palavra - 410

Carlos Alexandre Gonçalves
Ana Paula Belchor

FONOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS



Pontes

Copyright © 2016 - Dos autores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Editoração e capa: Eckel Wayne

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Suzete Silva

(UEL - Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-056

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
CAPÍTULO 1: BREVÍSSIMAS NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO PORTUGUÊS	9
CAPÍTULO 2: CONSONANTISMO	19
CAPÍTULO 3: VOCALISMO	51
CAPÍTULO 4: PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS	81
REFERÊNCIAS	109
OS AUTORES	113

APRESENTAÇÃO

Neste livro, abordamos os processos fonológicos que marcaram a passagem do latim ao português, sem perder de vista a fase do galego-português, em que se vislumbram algumas mudanças em relação ao latim clássico, bem como algumas inovações que assinalaram o surgimento de elementos inexistentes nessa modalidade de latim. Privilegiamos, nesta obra, a chamada **história interna da língua**, ou seja, o estudo da língua em suas modificações no decorrer do tempo, nos diversos níveis linguísticos. **O nível aqui tomado para análise é o fonológico**. Desse modo, procuramos identificar os processos que marcaram a passagem do latim ao português, observando de que maneira tais processos ainda se realizam no português brasileiro contemporâneo.

Esperamos que, com esta obra, os interessados possam (a) reconhecer que, entre o latim vulgar e o português, houve vários períodos históricos, cada qual marcado por fenômenos fonológicos particulares; (b) identificar os principais processos fonológicos – vocálicos e consonantais – envolvidos na formação histórica da língua portuguesa; e (c) justificar variações fonetico-fonológicas encontradas no português do Brasil contemporâneo, tendo em vista que podem remontar a períodos da história da língua muito anteriores ao nosso.

Portanto, seguindo Faraco (1990: 122), partimos do pressuposto de que as forças condicionantes da variação que atuam hoje não diferem substancialmente daquelas que operaram no passado (princípio da uniformidade): “as comunidades humanas partilham, no presente e no passado, de certas propriedades recorrentes”.

Dito de outra maneira, os fatos linguísticos se repetem no tempo e é nesse sentido que pretendemos abordar as mudanças sonoras que atuaram desde o latim falado pelos indivíduos que, por força do poderio romano, colonizaram a Península Ibérica, região em que se desenvolveu o português, a “última flor do Lácio”.

CAPÍTULO 1:

BREVÍSSIMAS NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO
HISTÓRICA DO PORTUGUÊS

O português é uma língua neolatina, ou seja, constitui continuação histórica do latim trazido por colonos romanos para a Península Ibérica, região situada no sudoeste da Europa e formada pelos territórios de Gibraltar, Portugal, Espanha, Andorra e norte dos Pireneus, até ao local onde o istmo está situado, como se vê no mapa a seguir:



Figura 1: Localização geográfica da Península Ibérica

O latim levado à Península Ibérica pelos conquistadores romanos por volta do século II a.C. já se distanciava do latim clássico devido ao fato de a romanização não ter se dado de maneira uniforme em todo o Império em sua fase áurea¹, o que proporcionou uma fragmentação linguística gerada por fatores tais como (a) o tempo decorrido entre as diversas regiões conquistadas (qualidade de latim, se mais ou menos arcaico), (b) o contato com as línguas dos povos vencidos (ação do substrato), (c) maior ou menor grau de interesse dos romanos pela localidade conquistada (qualidade da romanização), (d) maior proximidade com Roma (mais interação com o chamado *sermo urbanus*, fala dos grandes centros), (e) contato com as línguas dos povos invasores (ação dos superstratos). O esquema abaixo, extraído de Castilho (2010: 171) ilustra bem a trajetória histórica do latim:

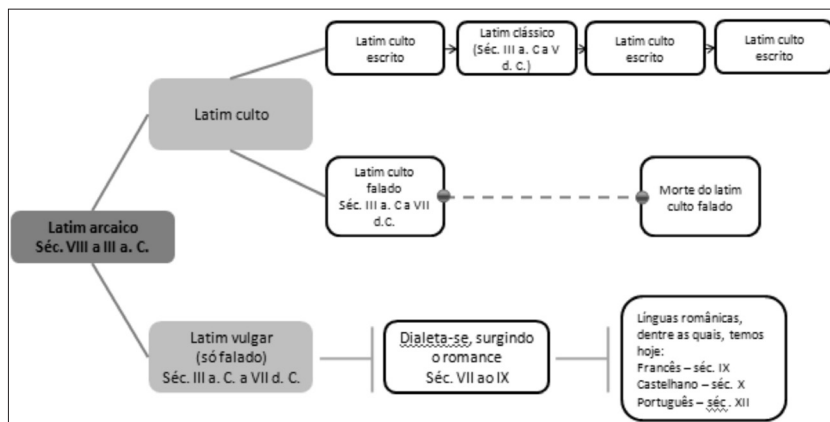


Figura 2: Variedades do latim

Entre os fatores elencados acima, considerados os mais efetivos na diferenciação do latim vulgar, observamos que são levados em conta o *tempo*, que justificaria a existência de um latim mais ou menos conservador de acordo com o século em que os romanos

1 O Império Romano foi um dos maiores da História e dominava uma extensão territorial contínua ao longo da Europa, Norte de África e Médio Oriente, “desde a muralha de Adriano na chuvosa Inglaterra até as margens do rio Eufrates na Síria, desde as planícies férteis da Europa Central até às luxuriantes margens do vale do Nilo no Egito”. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Romano. Acesso em 05/03/2016),

teriam chegado à região; o *contato com outras línguas*, que explica a dialeção do latim com base na influência tanto de línguas dos povos integrados ao Império Romano quanto de línguas de povos cujo poder se sobrepôs ao de Roma; a *efetividade* da romanização, que teria sido mais intensa em algumas regiões – o que pode justificar uma implantação mais profunda do latim, devido à presença romana mais maciça; e a *proximidade com a Urbe* (Roma), centro irradiador das inovações linguísticas, que chegariam às províncias mais próximas, pelo contato entre falantes, mas dificilmente atingiriam as províncias mais distanciadas, que mantiveram uma variedade de latim mais conservadora.

No entanto, como, em todas as línguas, há a coexistência de variantes que se relacionam à distribuição dos falantes em camadas sociais, também foi assim no Império Romano. Dessa forma, a diversificação do latim não ficou restrita a dois usos polarizados – culto e popular –, mas se ampliou devido à estratificação sociocultural que acentuava a diversidade existente na fala dos habitantes das regiões romanizadas. Portanto, entre o latim dito *clássico* (falado e escrito) e o latim chamado de *vulgar* (apenas falado), há, na verdade, um *continuum*: numa extremidade, há um uso mais urbano e conservador, falado por uma pequena elite letrada e preservado pela força da escrita; na outra, uma modalidade mais rural, empregada por camponeses, soldados, comerciantes, escravos e até mesmo por pessoas mais escolarizadas em ambiente familiar. De acordo com Ilari (1991: 37),

a grande diferença entre as duas modalidades de latim não é cronológica (o latim vulgar não sucede o clássico), nem ligada essencialmente à escrita: é social. As duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma e na România: de um lado, uma sociedade fechada e aristocrática; de outro, uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos alienígenas, a partir da plebe.

O domínio romano na Península Ibérica, incluindo a Lusitânia (território correspondente a Portugal), que nos interessa diretamente, perdurou até o século V da era cristã – período em que as invasões de povos bárbaros (alanos, vândalos, suevos, visigodos) causaram o declínio político e militar do Império Romano. Linguisticamente, o século V d.C. foi marcado pelo último período do latim (denominado pós-clássico), época em que a interferência da língua corrente no latim literário já se mostrava bastante acentuada. Quanto à língua literária, pode-se dizer que o referido período concentrou a produção dos últimos prosadores e poetas latinos.

A ocupação romana na Lusitânia perdurou séculos, e, nesse território inteiramente romanizado, o latim se impôs como língua oficial, embora as inúmeras variações regionais o tenham distanciado do latim de Roma e proporcionado, a partir do século VIII, o surgimento de uma nova fase linguística, tal como afirma Camara Jr. (1975: 19): “é o chamado românico, nome convencional englobando múltiplos e variadíssimos falares regionais, em que se diferenciou o latim por toda a România, durante a primeira parte da Idade Média”.

No início da Idade Média, portanto, o surgimento de novos estados políticos medievais gerou também o anseio pela unidade linguística. A partir de então, o românico se desdobrou em diferenciadas línguas nacionais. No caso da Península Ibérica, várias línguas e dialetos se formaram, entre eles o catalão, o castelhano e o galego-português (língua comum falada no Norte de Portugal e na Galiza – atual província espanhola).

O galego-português, falado, em princípio, na região Norte de Portugal, foi levado ao Sul pelas tropas do conde Afonso Henriques, no movimento de Reconquista, que consistiu na retomada dos territórios ocupados pelos povos muçulmanos (chamados de *mouros* à época) desde o ano de 711. Sendo assim, a nova língua foi se disseminando pelo território português, com influência dos tipos de repovoamento adotado nas regiões antes dominadas pelos muçulmanos e retomadas durante a Reconquista, como nos mostra Castro (2004: 68):

Se é verdade que a sorte das armas e da política condicionou o desenho do espaço que albergaria a língua portuguesa, só [com] os movimentos de populações deslocadas para os territórios reconquistados dão vida e língua à ocupação.

De acordo com Castro (*op. cit.*), a implantação do galego-português em todo o Ocidente da Península Ibérica, em que se formaria o futuro reino de Portugal, deve-se ao processo de repovoamento, promovido tanto por acordos políticos realizados com reinos próximos, como Aragão e Leão, quanto pelas sucessivas batalhas travadas pela Reconquista. Ainda segundo o autor, três tipos de repovoamento “claramente indexados a três épocas sucessivas e a três espaços contíguos” foram adotados na reocupação do território e contribuíram, assim, para o desenho do mapa linguístico de Portugal.

Na tentativa de evitar nova invasão das terras recém-retomadas pelo movimento da Reconquista, portanto, as regiões que voltaram ao domínio do Condado Portucalense e, mais tarde, do reino de Portugal, foram ocupadas de três formas diferentes, como afirma Castro (2004). O primeiro tipo de povoamento apontado pelo autor é denominado por ele *povoamento particular e monacal*, em que os novos habitantes ocupavam livremente as terras ermas, pertencentes por direito ao rei, mas cedidas aos povoadores para cultivo, ou doadas para a instalação de templos religiosos. Na zona central do território, em que a ocupação árabe foi mais intensa, o repovoamento, do tipo *municipal*, se deu por meio da distribuição de terras a colonos oriundos do Norte, promovendo a fundação de novas povoações (denominadas *póvoas*), que passaram a coexistir com as cidades remanescentes da época romana. A terceira e última espécie de repovoamento, a que Castro (*op. cit.*) denomina *povoamento das ordens militares*, utilizado na fase final da Reconquista, já nos séculos XII e XIII, consistiu na doação de grandes propriedades na região Centro-Sul a militares envolvidos nas *ordens* que davam apoio aos reis na guerra.

Castro (2004) lembra que, no terceiro tipo de povoamento acima citado, os militares cediam o direito de cultivo de suas terras a colonos, sem abdicar, no entanto, da posse da propriedade. Ainda segundo o autor, foi no espaço correspondente aos dois últimos tipos de povoamento (*municipal e das ordens militares*) “que, graças à transferência dos centros de poder político e económico do Minho para Lisboa, se desenvolveria a partir do final da Idade Média uma norma padronizada e uma língua baseada nos dialectos meridionais. Nela veriam os renascentistas a ‘língua nacional’” (*op. cit.*: 69).

O período em que os muçulmanos ocuparam a Península, embora tenha sido bastante longo (século VIII-XIII), “em caso algum conseguiu modificar o tipo dominante da população. A repercussão na linguagem foi também limitada: não deixou vestígios na sintaxe e quanto ao vocabulário os linguistas calculam entre trezentas e seiscentas palavras que os invasores deixaram no idioma”, de acordo com Saraiva (2001: 34). Sendo assim, podemos dizer que a influência do superstrato árabe se restringe à aquisição de novas palavras, sobretudo aquelas ligadas a nomes de produtos agrícolas, arquitetura, comércio e ciência: ‘alface’, ‘limão’, ‘cenoura’, ‘laranja’, ‘acelga’, ‘alfazema’, ‘azeitona’, ‘chafariz’, ‘armazém’, ‘arroba’, ‘quilate’, ‘fardo’, ‘álcool’, ‘algarismo’, ‘almanaque’, ‘álgebra’, ‘zero’ e ‘xarope’.

Contudo, se o domínio muçulmano na Península Ibérica não deixou vestígios profundos na língua portuguesa, a ocupação desses povos, por outro lado, contribuiu para o isolamento entre o galego-português e as outras línguas surgidas a Leste e a Norte da Península – leonês, castelhano, aragonês e catalão. Como afirma Castro (2004), houve regiões da Península que foram percorridas e devastadas pelos invasores muçulmanos, mas jamais foram ocupadas por eles; dessa forma, os territórios não dominados, livres do trânsito e da influência dos povos árabes, conseguiram manter sua organização social e sua identidade linguística. A Galiza, por exemplo, gozava de uma situação política bastante diferente da região em que se formou o atual Portugal: “Conquistada pelos

muçulmanos em 714, deles se libertou em 740. Os antigos habitantes prosseguiram a sua vida milenária. Na Galiza perduraram vivas por muitos séculos tradições sociais, jurídicas e estatais do Império Romano” (*op. cit.*: 68). Sendo assim, é de esperar que o galego-português tenha se desdobrado em duas línguas – o galego, que passou a ser a língua da independente Galiza, e o português, que é o resultado de todo o processo de Reconquista e de repovoamento, como vimos anteriormente.

Quanto à periodização do galego-português, considera-se que, desde o século IX, a língua já vinha se delineando e, portanto, seguindo seu próprio rumo evolutivo. No entanto, os primeiros textos escritos em galego-português datam de fins do século XII e início do século XIII, em duas vertentes diferentes. Por um lado, a língua passa a ser utilizada na recém-inaugurada poesia trovadoresca galego-portuguesa e, por outro lado, em documentos particulares e administrativos.

Quanto aos textos literários, a Cantiga da Ribeirinha (1198), composta por Paio Soares de Taveirós, é o primeiro em galego-português de que se tem registro. Já entre os documentos administrativos, o primeiro texto integralmente escrito em galego-português é o primeiro testamento de D. Afonso II, datado de 1214. Nessa época, porém, o latim se sobrepunha ao galego-português, que era usado, na maioria das vezes, em textos que seriam posteriormente traduzidos para o latim.

No reinado de D. Afonso III (1255), contudo, o português, que começou a se distanciar do galego após a expulsão dos mouros, como vimos, passa a ser a língua utilizada nos textos relacionados à Coroa. A partir de então, com o crescimento dos textos em português, a língua deixa de ser esporádica e passa a se tornar dominante sobre o latim a partir da década de 1260, o que “culmina com a decisão de D. Dinis, que falece em 1325, de legalizar o português como língua oficial de Portugal” (MATTOS E SILVA, 1991: 19).

Ainda segundo Mattos e Silva (1991), a separação entre galego e português envolve fatores não apenas linguísticos, mas também

históricos, que serviram para fortalecer a unidade de Portugal, assim como a Reconquista, a Independência do Reino de Portugal e a vitória sobre os castelhanos. Dessa forma, o fortalecimento do português como língua autônoma, independente do galego, acompanha o fortalecimento territorial e político de Portugal.

É costume dividir a história do português nas fases *arcaica* (séculos XIII a XVI), subdividida entre a fase do galego-português e a fase do português já distinto do galego, tendo-se como “provável limite inicial da segunda fase do período arcaico a segunda metade de trezentos [1350]” (MATTOS e SILVA, 1991: 20), e *moderna* (a partir do início do século XVI), fase em que “a língua portuguesa se uniformizou e adquiriu as características do português atual” (NICOLA, 1999: 27). Há, porém, diferentes formas de proceder à periodização do português, de modo que as duas grandes fases citadas acima sejam desdobradas em períodos diferenciados, assim como podemos verificar na divisão a seguir, proposta por Castro (2013):

a. Origens – todo o período anterior ao início do uso escrito da língua portuguesa, que costuma ser situado na segunda metade do século XII.

b. Português antigo – período de consolidação da língua escrita, oficial e literária, entre os séculos XIII e XIV, que acompanha o deslocamento do centro de gravidade da língua do Norte para o Sul do reino, como efeito da Reconquista.

c. Português médio – período de crise, na passagem do século XIV para o século XV, resultante do momento de grandes transformações políticas e sociais, que deu início a “uma série de mudanças coincidentes na estrutura da língua falada, com reflexos na escrita” (*op. cit.*: 7), que transfiguraram a fisionomia da língua.

d. Português clássico – período compreendido entre a primeira metade do século XVI e finais do século XVIII, em que “o desenvolvimento da alfabetização e da leitura graças à imprensa, a ação normalizadora dos gramáticos e a influência de grandes modelos literários fornecem alguns dos traços mais vinculados a este longo período, durante o qual a língua falada se aproxima do seu estado moderno” (*op. cit.*: 7).

e. Português moderno – período situado entre finais do século XVIII e finais do século XIX, sobre o qual, segundo Castro (2013), faltam estudos suficientes para descrevê-lo em perspectiva diacrônica.

Em relação à periodização acima, podemos comentar que, de fato, há poucos estudos sobre a língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX, uma vez que a maior parte dos pesquisadores se dedicou ao estudo das características do português comumente denominado *arcaico* (séculos XIII a XVI), dividido por Castro (2013) entre português antigo e português médio. Quanto ao português dos séculos XX e XXI, é comum a denominação de *contemporâneo*.

A partir do próximo capítulo, veremos como o sistema fonológico do português foi se delineando e consolidando com o passar dos séculos, desde o latim. Começemos pelas consoantes.

CAPÍTULO 2:

CONSONANTISMO

No que diz respeito ao consonantismo, estudo das transformações sofridas pelas consoantes ao longo da sua evolução histórica, do latim ao português, pode-se afirmar que a língua portuguesa, comparativamente à latina, apresenta um quadro de segmentos não apenas mais simétrico, como também mais numeroso e bem mais equilibrado do ponto de vista estrutural.

Nos termos de Tarallo (1990), houve mais “ganhos” que “perdas” em relação às consoantes, ou seja, o português foi marcado pelo lucro de novas conquistas fônicas. O quadro a seguir sintetiza as perdas e os ganhos no que concerne às consoantes:

Perdas	Ganhos
consoantes geminadas	quatro fricativas
	uma nasal
	uma líquida
	segmentos palatais

Quadro 1: Perdas e ganhos consonantais

Para entendermos essas perdas e ganhos ao longo do tempo, comecemos analisando o quadro de consoantes do latim.

O SISTEMA CONSONANTAL LATINO

Assim se posiciona Mattoso Câmara Júnior (1976: 48) em relação ao quadro de consoantes do latim:

Abstraídas as considerações meramente fonéticas, que levam em conta as variantes posicionais, e até livres, das consoantes latinas, o quadro dos fonemas consoantes do latim é particularmente simples e não se presta a maiores dúvidas.

De fato, os segmentos contrastivos do latim eram em número bastante reduzido: seis oclusivas, duas nasais, duas fricativas e duas líquidas. A perfeita simetria das oclusivas (com três lugares de articulação e uma constante oposição de vozeamento, ou seja, para cada oclusiva surda havia uma sonora correspondente) não se refletia nas demais séries, as quais continham apenas dois pontos de articulação, como se vê no **Quadro 2**, a seguir:

	labiais	alveolares	pós-alveolares
Oclusivas	p, b	t, d	k, g
Fricativas	f	s	
Nasais	m	n	
Laterais		l	
Vibrantes		r r	

Quadro 2: Inventário de consoantes do latim

A articulação dos segmentos /k, g/ dependia do som subsequente, razão pela qual denominamos de pós-alveolar o terceiro ponto de articulação do quadro 2. Se a vogal seguinte fosse não-recuada (anterior), isto é, /e, i/, esses sons eram produzidos

como palatais, [c, ʃ]. Caso a vogal seguinte fosse recuada, isto é, /a, o, u/, a articulação correspondente era velar, [k, g]. Oclusivas velares e palatais eram, pois, variantes condicionadas pelo contexto fônico seguinte. É importante ressaltar que as letras <c> e <g>, em latim, só são usadas na representação de [k] e [g], nunca aparecem com valor de [s] ou [ʒ], respectivamente, como acontece em português, a exemplo de ‘cera’ e ‘gelo’. O esquema abaixo resume a alternância (~) entre palatais e velares.

[c, ʃ]	~	[k, g]
Antes de vogais não-recuadas uicino, cippu, cito generare, gingivam, generum		Antes de vogais recuadas acucula, periculu, cogitare navigare, augusto, paganu

Jordan & Manoliu (1972) entendem que as combinações /k+w/ e /g+w/ constituem segmentos lábio-velares (/k^w/ e /g^w/, respectivamente) que contrastam com as velares correspondentes, /k/ e /g/. Como os autores não apresentam pares mínimos que embasem sua proposta e o assunto é polêmico também na descrição do português, pois há fonólogos que consideram esses segmentos contrastivos na língua (Bisol, 1996, por exemplo), optamos por não incluí-los no **Quadro 2**, que contém o inventário de consoantes que reflete a opinião da maior parte dos estudiosos na área.

Zágari (1988) argumenta em favor do estatuto fonológico da aspirada glotal /h/, tendo em vista a possibilidade de esse segmento se opor à sua ausência, a exemplo de ‘/h/ortus’ (“horto”) vs. ‘ortus’ (“correto”)¹. Além de envolvida em poucos pares mínimos, a aspirada só aparece na posição inicial, razão pela qual acreditamos que possa ser considerada alofone posicional (variação na produção relacionada à posição na cadeia fônica) de outro segmento, certamente uma vibrante. Qualquer que seja a interpretação fonológica dada a esse segmento, fato relevante, do ponto de vista histórico, é seu sistemático apagamento, ainda que sobreviva na escrita de inúmeras palavras do português:

1 Diferentemente do português, em que a letra <h> não está associada a som algum em início de palavra, em latim os vocábulos assim iniciados sempre eram produzidos com uma aspiração, o que equivale à emissão do <r> inicial de ‘rato’, por exemplo.

- (01) habere > haver homine > homem hodie > hoje
 herba > erva hibernu > inverno habile > hábil

Já falamos da simetria na série oclusiva. De fato, como se observa no **Quadro 2**, cada segmento desvozeado apresenta um vozeado correspondente (/p:/b/, /t:/d/, /k:/g/), o que não acontece na série fricativa, com apenas dois segmentos, ambos desvozeados (/f, s/). Constatase, ainda, outra assimetria na comparação entre as oclusivas e as demais espécies de consoantes: a falta de pós-alveolares.

Voltando ao **Quadro 2**, observe que a série oclusiva é a única que apresenta segmentos articulados numa área posterior à da arcada alveolar, uma vez que as nasais (/m, n/), a lateral (/l/) e as vibrantes (termo usado em referência ao tepe, /r/, e ao trill, /r/) eram todas anteriores, isto é, apresentavam articulação mais à frente na cavidade bucal².

O **Quadro 3**, a seguir, sintetiza as consoantes do latim e do português, deixando fora da caixa as aquisições do português. Observe que os acréscimos fizeram com que o quadro resultante ficasse bem mais equilibrado, o que mostra que a mudança ocorreu no sentido de harmonizar as oposições consonantais:

p	b	t	d	k	g
f	v	s	z	ʃ	ʒ
m		n			ɲ
		l			λ
		r			
		r			

Quadro 3: Aquisições do português em relação ao latim

2 Para verificar como esses sons são produzidos, consulte a seguinte página da *Internet*: http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php

Observe, também, que, com as aquisições, todas as obstruintes³ surdas passam a apresentar sonoras correspondentes, uma vez que o contraste de vozeamento se estendeu para as fricativas (/f/:/v/, /s/:/z/, /ʃ/:/ʒ/). Além disso, tanto a série nasal quanto a lateral refletem o ponto de articulação pós-alveolar já existente nas oclusivas. Portanto, temos, hoje, um quadro fonológico bem mais simétrico.

Uma leitura atenta do **Quadro 3** leva à seguinte pergunta: que fenômenos, além da própria pressão interna em favor do preenchimento das lacunas (células vazias), levaram à criação dos segmentos /v, z, ʃ, ʒ, λ, ɲ/? Antes de responder a essa pergunta, cabe, primeiramente, falar da situação das geminadas, a perda fonológica à qual nos referimos no **Quadro 1**.

A SIMPLIFICAÇÃO DAS GEMINADAS

Geminadas devem ser vistas como consoantes de dois tempos, isto é, segmentos de duração intrínseca duas vezes superior à das homorgânicas **V** simples (elementos que diferem numa única propriedade articulatória, como o vozeamento, a exemplo de /f/ e /v/). Em latim, muitos segmentos contrastam com geminados correspondentes em posição intervocálica, como se vê nos dados a seguir:

- (02) agger (“monte”) X ager (“campo”)
 annus (“ano”) X anus (“anel”)
 mollis (“mole”) X molis (“tu móis”)
 cattus (“gato”) X catus (“cado”)

O tempo na emissão das consoantes era relevante apenas na posição intervocálica, razão pela qual apresentava baixo rendimento estrutural, ou seja, não distinguia um grande número de palavras, por se restringir a esse ambiente. Esse fato, aliado à rápida difusão do latim em territórios de línguas com fonologia tão diversificada,

3 Termo usado em referência às consoantes, em oposição às soantes. Obstruintes são segmentos em que a passagem da corrente de ar é bloqueada, total (oclusiva) ou parcialmente (fricativa), ao ser expelida da cavidade bucal.

levou ao debilitamento (lenização, enfraquecimento) na articulação das geminadas, fazendo-as se igualar às não-geminadas correspondentes. Na verdade, a duração, traço distintivo tanto de vogais como de consoantes em latim, não foi assimilada na maior parte dos territórios conquistados.

Segundo Mattos e Silva (1992), textos escritos datados do início do século XIII, já em galego-português, permitem afirmar que a simplificação das geminadas já teria ocorrido nessa época. Como afirma Mattoso Câmara Jr. (1976), é provável que essa mudança tenha se processado desde os primeiros séculos do latim imperial (latim clássico escrito entre os séculos I e IV-V d.C., em que se revela a crescente influência do latim falado). Vejam-se os exemplos a seguir:

- | | | | |
|------|--------------------|------------------|----------------|
| (03) | bucca > boca | gutta > gota | cippu > cepo |
| | suffèrere > sofrer | assare > asar | annus > ano |
| | flaccu > fraco | sabbatu > sábado | flamma > chama |

É impossível saber qual foi o sistema fonológico do latim vulgar porque as diversas mudanças: (a) não ocorreram simultaneamente e (b) não se manifestaram uniformemente em todas as províncias conquistadas pelos romanos. Por isso, faremos, daqui em diante, uma tentativa de acompanhar cronologicamente a evolução do sistema latino na linha direta das tendências da língua falada (latim vulgar) que resultaram na gramática fonológica do português.

A SITUAÇÃO DAS ASSILÁBICAS

As letras < i > e < u > representavam, em latim, vogal ou consoante, a depender de sua posição no interior da sílaba. Quando pré-vocálicas, isto é, na posição de *onset* silábico, equivaliam, nessa ordem, aos *glides* /j/ e /w/:

- | | | |
|------|-----------------------------|--------------------------|
| (04) | iam (“já” - /'já/) | uaca (“vaca” - /'wa.ka/) |
| | maior (“maior” - /ma.'jor/) | ouo (“ovo” - /'o.wu/). |

Zágari (1988: 102-103) leva em conta os seguintes aspectos para defender o estatuto consonantal de < i > e < u > pré-vocálicos: (1) o testemunho insuspeito dos gramáticos latinos. Nenhum deles, em momento algum, referiu-se a essas combinações como ditongos; (2) o aspecto distributivo acima declarado – posição pré-vocálica – é outro argumento, por ser esta, em latim, uma posição típica de consoante; (3) em todas as línguas neolatinas esses segmentos evoluíram para consoantes; por fim, e mais importante, (4) pelo sistema de oposição, vê-se que esses segmentos não criavam oposições com vogais; a pertinência era em relação a outra consoante:

- (05) iocus : focus noua : nota
 iactus : tactus uas : faz

A consonantização do glide /w/ data, aproximadamente, do século I d.C (SILVEIRA, 1964). Por ser um segmento labial, contínuo e vozeado, esse segmento evolui para /v/, uma fricativa labial sonora, ou seja, /w/ perde sua articulação vocálica, mas se transforma numa consoante de articulação bastante aproximada. Em termos funcionais, já havia pressão para o preenchimento da “célula vazia” referente à homorgânica vozeada de /f/. Os exemplos a seguir comprovam a mudança /w/ > /v/:

- (06) auis > aves auena > aveia
 uacare > vagar uos > vós
 uidere > ver pauone > pavão

Entretanto, a perda da semivogal recuada ocasionou novo desequilíbrio no sistema fonológico, já que /j/ deixou de apresentar seu par correlativo recuado. Com apenas um *glide* pré-vocálico, agora totalmente não integrado e com baixo rendimento estrutural, por não estabelecer séries de oposição, o destino de /j/ não pôde ser diferente: sofreu consonantização em quase todas as línguas românicas, assumindo, em português, como /w/, também uma articulação contínua (fricativa) e vozeada. Sendo /j/ um segmento alto,

produzido com grande elevação da língua em direção ao palato, deu origem a /ʒ/, segmento de articulação semelhante:

- (07) Iesus > Jesus ianuarium > janeiro
 iurare > jurar iustum > justo
 iactus > jato iam > já

De acordo com Mattos e Silva (1991: 84-85), o processo de consonantização “teria ocorrido desde o século I d.C., isto é, quando ainda o padrão ‘clássico’ era forte, graças à coesão centralizadora da capital do Império” (MATTOS e SILVA, 1991: 84-85). Vale destacar, no entanto, que há divergência entre os autores quanto à periodização da consonantização de [j] e [w]. Mattos e Silva (1991) toma os dois fenômenos como iniciados no mesmo período (século I d.C.). Mattoso Câmara Jr. (1976), por sua vez, defende que a consonantização de /w/ remonta ao latim do período áureo, enquanto o /j/ teria evoluído para /ʒ/ apenas no romance.

A criação de /ʒ/ tem, portanto, duas justificativas estruturais: de um lado, surge em decorrência da não-integração de /j/ na língua, uma vez consolidada a consonantização de /w/; de outro, surge da “casa vazia” referente a elementos pós-alveolares na série fricativa. Começa-se, assim, um lento e progressivo movimento em direção à simetria observada no **Quadro 3**.

CONSOANTES: DO LATIM AO PORTUGUÊS

Dois processos caracterizam a evolução do sistema consonantal latino-português: (1) tendência à lenização articulatória, isto é, ao abrandamento na realização de segmentos, e (2) aquisição da palatalização. Os dois processos foram condicionados por ambientes fonológicos particulares. Começamos abordando a lenização, termo usado em referência a qualquer processo de enfraquecimento articulatório.

Há, do latim vulgar ao português, progressiva tendência à lenização: da posição inicial à posição final da consoante no interior da palavra, o enfraquecimento se acentua:

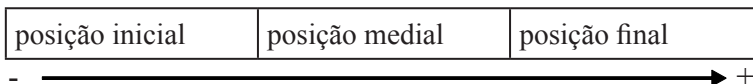


Figura 1: Esquema de enfraquecimento das consoantes

Desse modo, a lenização é mais fraca na posição inicial, em decorrência do chamado acento de insistência, que sempre incidia na primeira sílaba (no capítulo 3, abordaremos melhor a questão). Em função disso, os segmentos iniciais tenderam à manutenção. Na posição medial, a lenização foi um pouco maior, levando a substituições ou a apagamentos. Na posição final, a lenização foi tão forte que levou as consoantes a atingir o zero fonético, ou seja, a grande tendência foi a queda desses segmentos. Confira as tendências no **Quadro 4**, a seguir:

posição	transformação	contexto
inicial	permanecem	quando diferentes de /k,g/
	modificam	quando /k,g/ antes de /i, e/
medial	sonorizam	quando surdas intervocálicas
	caem (em geral)	quando sonoras intervocálicas
final	caem	final absoluto de palavra
	permanecem	caindo a vogal final

Quadro 4: Tendência à lenização articulatória do início ao fim do vocábulo

Como regra geral para as consoantes em início de palavra, pode-se afirmar que elas tenderam à preservação, conforme os seguintes exemplos, todos retirados de Tarallo (1990: 108):

- (08) /p/ = /p/: pedem > pé /b/ = /b/: bonum > bom
 /t/ = /t/: tela > teia /d/ = /d/: dare > dar
 /k/ = /k/: carum > caro /g/ = /g/: gutta > gota
 /f/ = /f/: faba > fava /s/ = /s/: salire > sair
 /m/ = /m/: manum > mão /n/ = /n/: nidum > nenhum
 /l/ = /l/: luna > lua /r/ = /r/: rota > roda

Na série inicial, a única mudança ocorrida, fora a que aconteceu com as semivogais, envolveu as oclusivas pós-alveolares (/k, g/) precedidas de /i, e/, que, já na fase latina, como vimos, eram articuladas palatais ([ç, j]). Mattoso Câmara Júnior (1976: 51) afirma que “/k/ - /g/, diante de /e, i/, quando eram pós-palatais, e não velares, sofreram um processo de assimilação à vogal anterior que lhes seguia, e se tornaram anteriores, perdendo a oclusão”. Teyssier (1997: 11) observa que o processo de palatalização iniciou-se já na época imperial, em quase toda a România, vindo a ocasionar, posteriormente, realizações africadas⁴, respectivamente [kʲi], [kʲe] e [gʲi] e [gʲe].

No caso do português, as africadas surdas (desvozeadas) apresentaram comportamento diferente do das sonoras. A surda se tornou alveopalatal, [tʃ], para, depois de se transformar em alveolar ([ts]), perder a oclusão e evoluir para uma fricativa ([s]). A sonora, por sua vez, [dʒ], apenas passou a fricativa (nos exemplos a seguir, como vimos, as letras <c> e <g>, em latim, representam os sons /k/ e /g/):

- (09) ceram > cera cervum > cervo cito > cedo
 gemere > gemer geminum > gêmeo genuclum > joelho

Desse modo, /k/ e /g/ latinos, precedidos de /i, e/, têm como correspondentes em português, respectivamente, /s/ e /ʃ/. Veja-se, a seguir, a evolução completa de ‘ceram’ e ‘gemere’:

4 Uma consoante é africada quando, em sua pronúncia, combina o som de uma oclusiva (em sua fase inicial de articulação) com o de uma fricativa (em sua fase final, no momento de expulsão da corrente de ar). Em outras palavras, africadas são segmentos de contorno: consoantes com duas raízes e bordas diferenciadas (CLEMENTS & HUME, 1995).

- (10) *ceram* ([k]) > *c̄eram* > *t̄fera* > *tsera* > *cera* ([s])
gemere ([g]) > *ḡemere* > *d̄̃emere* > *gemer* ([ʒ])

O processo histórico que abrandou as oclusivas velares, transformando-as em fricativas, pode ser visto ainda hoje na morfologia do português, como atestam dados do tipo ‘históri[k]o’ > ‘histori[s]ismo’, ‘filólo[g]o’ > ‘filolo[ʒ]ia’, ‘elétri[k]o’ > ‘eletri[s]ista’, ‘ma[g]o’ > ‘ma[ʒ]ia’. Também nas formações em *-al*, é comum encontrarmos uma oclusiva velar na forma complexa e uma fricativa na forma primitiva. Isso acontece porque as palavras derivadas entraram tardiamente na língua, por via erudita, não tendo sofrido os processos fonológicos que afetaram as palavras primitivas: ‘larin[ʒ]e’ > ‘larin[g]al’, ‘farin[ʒ]e’ > ‘farin[g]al’.

Ainda no que diz respeito à evolução de /k, g/ diante de vogais não recuadas (anteriores), pode-se afirmar que, em posição medial, o processo de assibilação se deve “à profunda, extensa e vitoriosa tendência que a língua portuguesa tem de desfazer hiatos” (MATTOSO CÂMARA Jr, 1976: 76). Atuaram, nessa empreitada, vários processos fonológicos; entre eles, o que nos interessa no momento é o fechamento de timbre da primeira vogal do encontro, transformando-a em *glide* e, conseqüentemente, formando um ditongo crescente para depois desfazer a contiguidade de dois ápices silábicos por meio da mutação consonantal. Desse modo, um /ʒ/ português também pode estar associado a um /d/ latino:

- (11) *lancea* > *lancia* > *lanc̄ia* > *lant̄fa* > *lantsa* > *lança*
video > *vedio* > *ved̄io* > *ved̄̃o* > *vejo*

Dois outros processos fonológicos afetaram as consoantes intervocálicas: a sonorização das surdas (/p, t, k, f/) e o enfraquecimento das sonoras, sobretudo oclusivas (/b, d, g/) e líquidas alveolares (/l, n/). As surdas intervocálicas (ambiente V_V), via de regra, tornam-se vozeadas:

(12) /p/ > /b/:

sapone > sabão; lupum > lobo; sapere > saber;
superbiam > soberba; capitulum > cabido

/t/ > /d/:

uitam > uida; mutum > mudo; potere > poder; totum > todo;
monetam > moeda; catenam > cadeia; acutum > agudo

/k/ > /g/ (se antes de /a, o, u/):

secare > segar; dico > digo; pacare > pagare;
carricare > carregar; acuculam > agulha; ciconia > cegonha

/f/ > /v/:

aurificem > ourives; trifolum > trevo; profectum > proveito;
defensam > defesa; aurifices > ourives

/s/ > /z/:

thesaurum > tesouro; sponsum > esposo; rosam > rosa;
ansam > asa; causam > causa; mensa > mesa

Segundo Teyssier (1997), é provável que as consoantes surdas intervocálicas tenham começado a sonorizar-se no latim falado na Península Ibérica; portanto, antes da emergência do galego-português. Há diferentes pontos de vista em relação ao processo fonológico responsável pela sonorização dessas consoantes. Mattoso Câmara Jr. (1976), por exemplo, considera que as surdas intervocálicas sonorizaram-se em razão da própria evolução dos sistemas linguísticos, que buscaram compensar a perda de uma oposição por meio do surgimento de um novo traço distintivo. Assim, o autor considera a sonorização das surdas intervocálicas o resultado de um processo de lenização que teria promovido o enfraquecimento articulatório parcial dessas consoantes, fazendo com que se distinguissem daquelas resultantes da degeminação pela modificação no traço [sonoro].

Said Ali (1966: 25), por sua vez, considera a sonorização “[...] um caso de assimilação parcial progressiva. Proferida a vogal tônica com certa demora, estendeu-se, por inércia, a vibração das cordas vocais à consoante oclusiva [...]”. Em relação à proposta de Said Ali, pode-se argumentar que a sonorização das surdas intervocálicas atingiu não apenas as oclusivas, /p/, /t/ e /k/, mas também as fricativas, /s/ e /f/, como comprovam os exemplos em (12). O argumento do autor pode ser levado em conta, no entanto, se for estendido às fricativas, que igualmente assimilaram a sonoridade vocálica do entorno. Analisemos, a seguir, a situação dos segmentos desvozeados.

As sonoras intervocálicas lenizam e, na maior parte dos casos, sofrem síncope, isto é, caem. Na série oclusiva, admite-se ter havido um processo geral de fricativização, uma vez que inscrições do séc. IV d.C denotam que o /b/ intervocálico era francamente articulado como segmento contínuo labial vozeado ([β]), produção encontrada no espanhol e em alguns dialetos de Portugal (SILVA NETO, 1950). Defende Mattoso Câmara Jr. (1976) que a síncope das consoantes sonoras em posição intervocálica constitui reflexo de uma cadeia de mudanças fonológicas iniciadas no início do latim imperial (séc. I a IV-V dC). Se o /b/ enfraqueceu e se transformou na fricativa bilabial [β], é provável que os demais membros de sua série, [d, g], devido à simetria, tenham sofrido, no mesmo ambiente, análogo debilitamento, articulando-se, pois, [d] (fricativa alveolar vozeada) e [ɣ] (fricativa velar vozeada)⁵.

O processo de fricativização se generalizou apenas na série labial. Isso porque a língua já dispunha de uma fricativa de articulação bem próxima, (/v/), resultante tanto da consonantização de /w/ (p. ex., ‘uidere’ > ‘ver’) quanto do vozeamento de /f/ (p. ex., ‘trifulo’ > ‘trevo’). Por isso mesmo, houve confluência entre os sons [β] e [v], diferentes apenas em relação ao articulador passivo (no primeiro caso, o lábio superior e no último, os dentes incisivos superiores). Em outras palavras, o /b/ intervocálico tem como

5 Novamente aqui, a produção desses segmentos pode ser ouvida na seguinte página da Internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_fonético_internacional

corresponde em português a consoante /v/, conforme atestam os exemplos a seguir:

- (13) nebula > névoa caballu > cavalo habere > haver
 trabe > trave faba > fava parabola > palavra
 rabia > raiva debere > dever rebellare > revelar

No que concerne aos demais segmentos oclusivos sonoros (isto é, /d, g/), ocorre predominantemente a queda (síncope). Com a alveolar (/d/), o cancelamento foi praticamente categórico, sendo inteiramente irrelevante a qualidade das vogais circunvizinhas:

- (14) uidere > ver radice > raiz tradere > trair gradu > grau
 nodu > noo > no sede > sé nudu > nuu > nu pede > pé

Como lembra Tarallo (1990: 111), “o problema maior fica com o /g/, que permanece mais frequentemente no sistema do que a expectativa que o princípio projeta”. Com esse segmento, o cancelamento não foi geral, havendo preservação, substituição ou queda. Os três diferentes destinos da velar vozeada dependiam, grosso modo, dos segmentos vocálicos adjacentes. Entre duas vogais recuadas, /g/ tende à manutenção (primeira linha de exemplos). Se apenas a segunda é recuada, a queda quase sempre é o processo resultante (segunda linha)⁶:

- (15) negare > negar; paganu > pagão; rogare > rogar; navigare > navegar
 legale > leal; ligamen > liame; aligare > aliar; uagatiuu > vadio

6 Não estamos assumindo que a mudança caminha sempre na mesma direção. Na verdade, apresentamos, aqui, as principais tendências gerais da evolução consonantal do latim ao português. É claro que existem contra-exemplos para cada um dos processos comentados. Em ‘ruga’, por exemplo, espera-se a manutenção do /g/, tendo em vista a circunvizinhança de vogais recuadas. No entanto, o correspondente português é ‘rua’, com a queda desse segmento. Também em ‘plaga’ a manutenção era a tendência, mas a velar foi apagada, ocasionando a crase das vogais (‘plaa’), posteriormente desfeita com a epêntese do *glide* /j/: ‘praia’.

Cabe relatar, por fim, uma última situação envolvendo a oclusiva velar sonora, [g]: a lenização acompanhada de palatalização, processo semelhante ao que ocorreu com essa consoante em início de palavra. Na posição intervocálica, no entanto, o gatilho é a vogal /i/. Observe, nos dados, que a letra é a mesma, muito embora tenhamos [ʒ] em português:

- (16) rugire > rugⁱire > rudʒire > ru[ʒ]ir;
 mugire > mugⁱire > muʒire > mu[ʒ]ir

Frisamos que as surdas se transformam em homorgânicas vozeadas no ambiente intervocálico. Assim, /p/ > /b/ e /f/ > /v/, por exemplo. Há duas situações, no entanto, em que o segmento surdo muda o ponto de articulação, além de se sonorizar: é o caso de /t/ e /k/, diante de /i, e/. Novamente aqui, opera o processo de africativização, descrito em Teyssier (1997): a oclusiva se transforma em africada para, logo depois, perder o início oclusivo. Nesse caso, porém, por se encontrar em posição intervocálica, a consoante também vozeia e o resultado, nos dois casos, é [z]:

- (17) acedu > ac^eetu > atsetu > asetu > azedo
 ratione > ratⁱone > ratsone > rason > razão

O processo de sonorização foi tão geral que mesmo os grupos consonantais intervocálicos têm a primeira consoante transformada em vozeada:

- (18) capram > cabra
 petra > pedra
 lacrima > lágrima

Voltemos à questão do abrandamento articulatório das consoantes na posição intervocálica. Até então, abordamos as oclusivas sonoras, mas nada dissemos a respeito das soantes (nasais

e líquidas). Com as oclusivas sonoras, a lenização não se deu de modo uniforme, uma vez que implicou alteração de propriedades articulatórias (no caso de /b/ e /g/) ou queda (no caso de /d/).

Os únicos segmentos que efetivamente se conservaram entre duas vogais foram a nasal labial e as vibrantes. Também se preservaram, no interior da palavra, as consoantes em coda silábica, isto é, em posição de travamento (superbia > soberba, agosto > agosto, legenda > lenda). Nessa posição, apenas as oclusivas velares se vocalizaram, formando ditongos decrescentes: regnu > reino; profectu > proveito. As soantes, /l, n/, sofreram síncope, no ambiente V _ V, criando encontros de vogais posteriormente desfeitos de maneiras as mais variadas, como veremos no capítulo 3.

A SÍNCOPE DAS SOANTES ALVEOLARES E SEUS REFLEXOS NA MORFOLOGIA

Na posição medial, intervocálica (V _ V), a lenização atingiu mais severamente as soantes alveolares (/l, n/), que chegaram ao zero fonético, isto é, sofreram síncope (apagamento). Os reflexos dessa queda são vistos no português arcaico (sécs. XII-XV), fase histórica em que se verificam encontros vocálicos variados decorrentes da queda das soantes alveolares. De acordo com Teyssier (1997), a queda dessas consoantes remonta ao final século X – período histórico muito distante daquele em que ocorreu a queda das demais consoantes sonoras, como vimos na seção 4. Observe-se, a seguir, um trecho da Crônica de Dom Fernando Lopes, escrivão dos livros de Dom João I e do Infante Dom Fernando. As linhas foram aqui numeradas por conveniência:

1	Razoões desvairadas, que alguunsfallavam sobre o casamento delRei Dom Fernamdo
2	Quando foi sabudopello reino, como elReireçebera de praça
3	Dona Lionor por sua molher, e lhe beijarom a mão todos por Raña, foi
4	o poboo de tal feito mui maravilhado, muito mais que da primeira; por
5	que ante destonomenbargando que o alguunssospeitassem, por o
6	gramde e honrrosogeito que viiam a elReiteer com ella, nom eram
7	porem çertos se era sua molher ou nom; e muitos duvidamdo, cuidavom
8	que se emfa daria elReidella, e que depois casaria segundo perteeemçia
9	a seu real estado: e huuns e outros todos fallavam desvairadas razdoes
10	sobresto, maravilhamdose muito delReinomentemderquamto desfazia
11	em si, por se comtemtar de tal casamento. E delles diziam que melhor
12	fezeraelReiteella por tempo, e des i casar com outra molher; mas que
13	esto era cousa que mui poucos ou ne nhuum, posto que emtemdessem
14	que tal amor lhe era danoso, o leixavom depois e desemparavom,
15	moormente nos mançebos anos. E leixadas as fallasdalguuns
16	simpreses, que em favor dellerazoavom, dizendo que nom era
17	maravilha o que elReifezera, e que ja a outros acomteçerasemelhavel
18	erro, avemdogramde amor a alguumasmolheres; dos ditos dos
19	emtemdidos fundados em siso, alguma cousa digamos em breve: os
20	quaaesfallamdo em esto o que parecia, diziam que tal bem quemença
21	era muito demgeitar, moormente nos Reis e senhores, que mais que
22	nenhuuns dos outros desfaziam em si per liamça de taaes amores. Ca
23	pois que os antiigosderom por doutrina, que ho Rei na molher que
24	ouvesse de tomar, principalmente devia desguar dar nobreza de
25	geeraçom, mais que outra alguma cousa, que aquel que o comtrario
26	desto fazia, nom lhe viinha de boom siso, mas de samdiçe, salvo se
27	husamça dos homeens em tal feito lhe emprestasse nome de sesudo: e
28	pois que elRei Dom Fernamdoleixava filhas de tam altos Reis; com que
29	lhe davomgramdes e homrrosos casamentos, e tomava Dona Lionor,
30	que tantos com trairstiinha pera o nom ser, que bem devia seer posto
31	no conto de taaes. Outros diziam, que isto era assi como door da qual
32	ao homem prazia e nom prazia, dizemdo que todollos sabedores

33	concordavom, que todo homem namorado tem huumaespeçia de
34	samdiçe; e esto por duas razões, a primeira por que aquello que em
35	alguunshe causa intrimseca das outras maneiras de sam diçe, he em
36	estes causa de taaes amores: a segunda por que a virtude extimativa,
37	que He emperatriz das outras potemçias da alma açerca das cousas
38	senssivees, hetamdoemte em taaeshomeens, que nom julga o ogeito
39	da cousa que vee tal qual ellehe, mas tal qual a elle parece; caeljullga
40	a fea por fremosa, e aquella que traz dampnoseer a elle proveitosa; e
41	por tanto todo juizo da razomhe sovertido açerca de tal ogeito, em tanto
42	que qual quer outra cousa que lhe consselhem, podera bem receber;
43	mas quamtoaçena de tal molher a elleprazivel, cousa que lhe digam do
44	boom comsselhomreçebe, se o consselhohe que a leixe e nom cure
45	delle, ante lhe faz huumacreçentamento de door, que he fora de todo
46	boom juizo; de guisa que se he tal pessoa o que comsselhou, de que
47	possa tomar vingamça, tomaaassi como fez elRei Dom Fernamdo, que
48	mandou fazer justiça em alguuns do seu poboo, que o bem
49	comsselhavom em semelhante caso, segundo já teendes ouvido.

Texto extraído do "Projeto Vercial", no site da Internet:
<http://www.ipn.pt/literatura/lopes.htm>

Como se observa no fragmento, os encontros vocálicos oriundos do apagamento de consoantes intervocálicas, sobretudo /l, d, n/, formando hiatos, são muito frequentes neste texto do século XIII, apesar da tendência à eliminação no século XV, atestada nos poetas do final da lírica trovadoresca (cf. TEYSSIER, 1997: 48). São inúmeros os exemplos de hiatos:

(19) *razões* (1,8), *maão* (3), *poboo* (4, 48), *teella* (12), *moormente* (15, 21), *taaes* (22, 31, 36), *quaaes* (l. 20), *boom* (26, 44, 46), *homeens* (27, 38), *door* (31, 45), *senssivees* (38), *vee* (39), *teendes* (49).

Os encontros vocálicos são posteriormente desfeitos pela contração das duas vogais, a exemplo de ‘door’ > ‘dor’ e ‘boom’ > ‘bom’, pela formação de um ditongo, como em ‘senssivees’

> ‘sensíveis’, ou pela intrusão de uma consoante intervocálica (‘vĩõ’ > ‘vinho’). Quando uma das vogais é nasal, o resultado da contração é também uma vogal nasal: ‘maão’ > ‘mão’, ‘razõoes’ > ‘razões’.

Não é difícil verificar a consequência desses apagamentos na morfologia, o que constitui mudança encaixada, tendo em vista que implica outras mudanças. Começamos com a descrição da síncope da lateral. O caso lexicogênico do português, isto é, aquele do qual se desenvolvem as palavras de nossa língua, é o acusativo. Por essa razão, as formas de plural terminam em -s, por oposição à falta desse segmento no singular, como em ‘canale’ vs. ‘canales’, ‘fidele’ vs. ‘fideles’ e ‘cubile’ vs. ‘cubiles’. Singular e plural tiveram destinos diferentes, uma vez que o primeiro foi caracterizado pelo apagamento da vogal final /e/, o que levou à ressilabificação da lateral, que passou de *onset* a coda, isto é, travou a sílaba final recém-criada: ‘canale’ > ‘canal’, ‘fidele’ > fi(d)el, ‘cubile’ > ‘covil’.

No plural, o /e/ final se preservou graças à presença do -s, que travava a sílaba de que essa vogal era núcleo. Por outro lado, o contexto em que a líquida se encontra é V _ V, ambiente propício ao apagamento. Desse modo, o plural foi caracterizado pela manutenção da vogal /e/. Essa manutenção, no entanto, levou à queda da líquida /l/: ‘canales’ > ‘canaes’, ‘fi(d)eles’ > ‘fiees’, ‘coviles’ > ‘covies’. Com o surgimento de hiatos, abundantes no português arcaico, como vimos na Crônica de Dom Fernando Lopes, a estratégia posterior, para evitar esse tipo de encontro e diminuir o número de sílabas sem *onset*, processos fonológicos levaram ao alçamento da vogal final, criando ditongos nos dois primeiros casos (‘canais’, ‘fiéis’) e promovendo a crase no último (‘covis’). A irregularidade singular/plural, nas palavras terminadas em -l, tem, portanto, explicação histórica: singular e plural sofreram diferentes processos fonológicos.

Segundo Teyssier (1997), em um período anterior ao galego-português, o segmento /l/ já sofria síncope, restando apenas as vogais do entorno – o que levou, evolutivamente, a três situações possíveis: (1) nas palavras em que a síncope da lateral /l/ tem como

resultado uma sequência de vogais iguais, ocorreu a crase: ‘mala’ > ‘maa’ > ‘má’; ‘dolore’ > ‘door’ > ‘dor’; ‘palatiu’ > ‘paatiu’ > ‘paço’; e (2) quando a síncope promoveu a sequência de vogais distintas, estas permaneceram em sílabas diferentes, (i) preservando o hiato (‘salire’ > ‘sair’), (ii) mantendo o hiato, mas inserindo um *glide* não recuado, [j], entre as vogais que ficaram contíguas (‘candela’ > ‘candea’ > ‘candeia’) ou (iii) dissolvendo o hiato em favor da vogal tônica da sílaba em que ocorreu a síncope (‘calente’ > ‘caente’ > ‘quente’).

Cabe observar que, embora a síncope de /l/ intervocálico seja um processo consolidado no galego-português, há, segundo Teysier (1997), inúmeras palavras de origem erudita ou semierudita que conservaram o [l] intervocálico, assim como ‘calor’, ‘cálice’, ‘violento’ e ‘volume’.

Por situação semelhante à de /l/ passou a nasal alveolar, /n/. Nesse caso, porém, esse segmento cai somente depois de nasalizar a vogal precedente. A nasalização desaparece quando as vogais posteriormente contíguas são diferentes (primeira linha) ou se encontram em posição não final (segunda).

(20) ponere > pōer > poer > por bona > boa > bõa
 generale > gẽeral > geral moneta > mõeta > moeda

Quando as vogais finais são diferentes, favorecendo, portanto, a desnasalização, um *glide* epentético (intrusivo) aparece para desfazer o hiato:

(21) avena > avẽa > aveia > aveia
 arena > area > areia

A nasalização não desaparece quando, em final de palavra, as duas vogais que favoreceram a queda da nasal são idênticas ou parcialmente idênticas (22). A nasalização também persiste quando se desfaz o eminente hiato por meio da ditongação (23). Esse processo, como vimos, distingue as duas fases do português arcaico:

- (22) *ieiunu* > *jejũu* > *jejum* *unu* > *ũu* > *um* *fine* > *fĩe* > *fĩi* > *fim*
bene > *bẽe* > *bem* *lana* > *lãa* > *lã* *sonu* > *sõu* > *som*
- (23) *veranu* > *verãu* > *verão* *sanu* > *sãu* > *são* *canes* > *cães*
granu > *grãu* > *grão* *panes* > *pães* *limones* > *limões*

Como se vê, a queda de /n/ levou à criação de ditongos nasais, sobretudo -ão. No entanto, ditongos nasais também provêm da queda do /e/ final em sílaba aberta (terminada em vogal). Na crônica de Dom Fernando Lopes, atestam-se alguns exemplos em que o ditongo ainda não havia sido formado, o que mostra ser a ditongação processo posterior a essa fase: ‘non’ (l. 5), ‘geeraçom’ (l. 25), ‘tam’ (l. 28), ‘razom’ (l. 45). Na verdade, são várias as terminações que culminaram no ditongo -ão, como vemos a seguir:

- (24) -anu: *granu* > *grano* > *grão*; *sanu* > *sano* > *são*
 -ane: *cane* > *canẽ* > *cãn* > *cãõ*; *pane* > *panẽ* > *pan* > *pão*
 -one: *latrone* > *ladronẽ* > *ladrõn* > *ladrão*;
leone > *leonẽ* > *leõn* > *leão*
 -udine: *solitudine* > *solidodĩnẽ* > *solidõin* > *solidõ* > *solidão*
 -unt: *sunt* > *sonť* > *sõn* > *são*
 -unc: *intunk* > *entunk* > *entũn* > *então*

Por ora, vale lembrar que, também aqui, temos uma mudança encaixada, pois as diferentes terminações de plural – -ãos, -ães e -ões – são ocasionadas por questões históricas: as diferentes combinações de vogais resultantes da queda da nasal, como se observa abaixo, e como teremos oportunidade de aprofundar no capítulo 3:

- (25) *granus* > *grãos* *manus* > *mãos* *orphanus* > *órfãos*
panes > *pães* *capitanes* > *capitães* *canes* > *cães*
leones > *leões* *pauones* > *pavões* *sapones* > *sabões*

A CRIAÇÃO DE PALATAIS

De uma forma geral, todas as consoantes palatalizáveis, isto é, aquelas em que a língua é órgão ativo, sofreram o processo de palatalização quando diante da vogal /i/, seja ela resultante ou não de alçamento, ou seja, se alteamento de uma média, no caso /e/. Desse modo, além da já existente /ʒ/, aparecem, em português, também /ʎ/ e /ʃ/:

(26)

/ʒ/

hodie > hodⁱe > hodʒe > hoje
 inuidea > inuedia > inuedʒa > inveja

/ʎ/

palea > palia > palⁱa > paʎa (palha)
 muliere > mulⁱer > muʎer (mulher)

/ʃ/

russeum > rossio > rossⁱo > roʃo (roxo)
 passion > passio > paʃio > paifon > paixão

Outro segmento que se torna palatal no contexto de /i/ é a nasal alveolar. Portanto, a inclusão de /ɲ/ no quadro de consoantes se explica, primeiramente, pela tendência da língua à palatalização:

(27) linea > linia > linⁱa > lijna (linha)
 uineo > vinio > vinⁱo > vijn (vinho)
 baneo > banio > banⁱo > bapno (banho)
 ingenu > engenⁱo > engeɲo (engenho)
 ciconea > cegonia > cegonja > cegoɲa (cegonha)

A queda da consoante nasal e a conseqüente nasalização da vogal precedente também são responsáveis pelo surgimento da palatal /ɲ/, que tende a aparecer quando a vogal precedente ao /n/ sincopado é a alta anterior (/i/), gatilho da palatalização, por ser um segmento de articulação francamente palatal. Novamente aqui,

a tendência ao desfazimento de hiatos e a preservação do padrão silábico CV explicam as inovações na língua. Sequências com o hiato -ĩV-, em que V representa qualquer vogal diferente de /i/, são encontradas no português arcaico, a exemplo de ‘Raĩa’ (l. 7), ‘rainha’, na Crônica de Dom Fernando Lopes. A seguir, são dados outros exemplos:

(28)	Latim	Fase arcaica	Fase atual
	galina	galĩa	galinha
	uinu	vĩo	vinho
	molino	(> moino) moĩo	moinho
	camino	camĩo	caminho
	pinu	pĩo	pinho

Realizações com o hiato [ĩV] são até hoje encontradas em alguns falares brasileiros, como o bahiano, por exemplo, o que mostra que a variedade de língua que chegou até nós, por ser mais arcaica, ainda não tinha consolidado o processo de epêntese de /ɲ/. Quando o /n/ latino intervocálico é subsequente ao /i/, a inserção da palatal só não ocorre nos casos em que a vogal seguinte é idêntica ou quando /i/ é breve e se transforma em /e/, como veremos no capítulo 3. Nessas duas situações, a nasal cai e a vogal precedente se realiza nasal, havendo, posteriormente, a crase:

(29)	uini > vĩi > vim
	homine > homene > homee > homem
	sine > sene > sêe > sem

CONSOANTES FINAIS

Sem dúvida, a posição que menos resistiu à tendência à leni-zação articulatória foi a de coda final (final absoluto de palavra). Nesse ambiente, todas as consoantes caíram, sobretudo as oclusivas, fato que levou a rearranjos no sistema morfológico, já que /t/, por exemplo, era desinência verbal de terceira pessoa do singular,

hoje representada por um morfe Ø em quase todos os tempos verbais (‘cantaria’, ‘cantava’, ‘cantará’)⁷:

- (30) amat > ama bibit > bebe mutat > muda
 quid > que ad > a vermen > verme
 Job > Jó nec > nem intunk > então

Coutinho (1969) afirma que as nasais se mantiveram apenas como forma de representar a nasalidade da vogal precedente, sobretudo em monossílabos (‘in’ > ‘em’; ‘cum’ > ‘com’). Quanto ao tepe, [r], o autor ressalta que muitas vezes não houve apócope (queda de segmento na borda direita da palavra), conservando-se esse segmento devido a um processo de metátese (inversão entre o tepe e a vogal precedente): ‘semper’ > ‘sempre’; ‘inter’ > ‘entre’; ‘quattuor’ > ‘quatro’.

Das consoantes latinas finais, só se conservaram em português (WILLIAMS, 1961), além das nasais dos monossílabos, (a) o /s/ de plural: ‘aves’ > ‘aves’; ‘caminos’ > ‘caminhos’; ‘ouos’ > ‘ovos’ e (b) /s/ de nomes próprios (‘Marcus’, ‘Carlos’) e de advérbios (‘magis’ > ‘mais’; ‘minus’ > ‘menos’). A existência, hoje, de /r/ e /l/ em coda silábica é fruto de evoluções fonéticas outras, como a já aludida apócope de /e/ em final de palavra. Isso mostra que determinadas mudanças estão encaixadas em outras e, por isso, têm repercussão na língua como um todo:

- (31) male > mal amare > amar fidele > fiel
 muliere > mulher uigilare > vigiar legale > leal

A queda do /e/ final, no entanto, não atingiu somente as soantes. Na verdade, afetou as alveolares (exceto a oclusiva), atingindo, igualmente, /s/. Essa consoante, no entanto, está muitas vezes relacionada a um /k/ etimológico (grafado < c >), que, como vimos,

⁷ Em morfologia, o morfe Ø representa um morfema, no caso a desinência número-pessoal de terceira pessoa, que não se expressa formalmente. Trata-se, portanto, de uma ausência de marca que, por estar em oposição a formas que representam membros da mesma categoria, é sentida como significativa.

realizava-se palatal nesse ambiente e posteriormente tornou-se africado. Com a perda do início oclusivo, [ts] evolui para [s], que, assim, cria contexto para a aplicação da regra de síncope. Observe que as palavras resultantes são sempre grafadas com <z>, muito embora não sejam realizadas com a consoante sonora (trata-se apenas de convenção ortográfica). A produção desse segmento é sempre surda (isto quando não há elementos subsequentes) e varia regionalmente entre uma alveolar ([s]), como em Belo Horizonte, por exemplo, e uma palatal ([ʃ]), como na região metropolitana do Rio de Janeiro:

- (32) pace > pac'e > patse > pase > paz
 rapace > rapac'e > rapatse > rapase > rapaz
 uorace > vorac'e > voratse > vorase > voraz

Segundo Teyssier (1997), a presença dos povos germânicos (409) e dos muçulmanos (711) na Península Ibérica, embora não tenha deixado registros escritos, fez com que se acelerasse o fosso que se abria entre o latim vulgar e os falares ibéricos – de que de originariam o romanche e, posteriormente, o galego-português, o leonês e o castelhano, cada qual com suas marcas evolutivas. A vocalização da oclusiva /k/, nos grupos consonânticos internos -cl- e -ct-, pode ser considerada marca do latim ibérico. Como detalharemos no capítulos 3 e 4, era comum, no latim vulgar, a síncope de vogais postônicas em vocábulos proparoxítonos – o que resultava, por exemplo, na articulação ‘oclu’, em vez de ‘ocŭlum’. Na Península Ibérica, a oclusiva velar /k/ passa a /y/, como se pode observar na forma hipotética *oylo. Pelo processo evolutivo, a consoante /l/, em posição posterior ao *glide* [j], tem sua articulação aproximada do palato e torna-se, através da palatalização, [ʎ] – forma que chega ao galego-português.

Outro exemplo é ‘vetŭlum’, pronunciado ‘veclu’ no latim vulgar, tal como se pode atestar no *Appendix Probi* (*vetulus non*

veclus)⁸, que passa pelo estágio de vocalização de [k] (*veylu) e posterior palatalização de [l] – o que resultou na forma ‘velho’ em galego-português.

GRUPOS CONSONÂNTICOS

Teyssier (1997: 16) mostra que os grupos iniciais *cl-*, *fl-* e *pl-*, com segmentos surdos precedendo a lateral, sofreram, no galego-português, um processo de palatalização de /l/: /l/ > /ʎ/. Observa, ainda, que “em castelhano, a consoante inicial caiu posteriormente, tendo restado o *l* palatal, transcrito *ll*; ex.: *plaga* > *llaga*, *clave* > *llave*, *flamma* > *llama*”. No caso do português, ressalta o autor, “a evolução foi mais profunda”, pois os grupos consonantais produzidos com a líquida palatal (/pʎ, tʎ, kʎ/) acabaram se transformando numa africada alveopalatal, /tʃ/, processo natural, uma vez que a palatalização subsequente à oclusão cria situação propícia para a realização de uma consoante complexa, com término palatal, mas início de articulação alveolar, por assimilação. Com a perda do início oclusivo, cria-se a fricativa palatal /ʃ/, também desenvolvida pela palatalização de /s/ diante de /i/, como vimos:

- (33) *plenu* > pʎenu > tʃeu > cheio
flamma > fʎama > tʃama > chama
clamare > cʎamar > tʃamar > chamar

Sabemos que a mudança nem sempre toma a mesma direção. Muitas palavras com esses grupos, as mais populares, foram caracterizadas pelo rotacismo, fenômeno que, nesse caso, consiste na permuta da líquida pelo tepe. Encontramos esse processo em realizações como ‘*praca*’ (por ‘*placa*’), ‘*frocos*’ (por ‘*flocos*’) e

8 De acordo com a Wikipedia, o *Appendix Probi* é um texto do século IV d.C. de autor desconhecido (erroneamente associado a Marco Valério Probo, que viveu muito anteriormente), no qual se compilam os erros mais frequentes na fala latina da época, opondo-os às formas corretas do latim clássico. O texto foi encontrado num palimpsesto do século VIII intitulado *Instituta artium*, também conhecido como *Ars vaticana* por ter sido encontrado na biblioteca do Vaticano.

‘Craúdia’ (por ‘Cláudia’). Como se vê, o que hoje constitui produção altamente estigmatizada esteve na base da formação histórica do português:

- (34) flaccu > fraco
 clauu > cravo
 placere > prazer

Os grupos iniciais e mediais com o tepe se mantêm na evolução para o português, a exemplo de ‘dragão’ (< ‘dracone’), ‘esfregar’ (< ‘sfricare’) e ‘entrar’ (< ‘intrare’). Os grupos mediais com a lateral podem ter a primeira consoante lenizada em ambiente V_V, ou seja, podem passar pelos mesmos processos que as consoantes simples: (1) sonorização (‘patrem’ > ‘padre’; ‘socrum’ > ‘sogro’) e (2) fricativização (‘libro’ > ‘livro’). Além disso, podem, como na posição inicial, desenvolver uma fricativa palatal (‘implere’ > ‘encher’; ‘aflare’ > ‘achar’, ‘masc(u)lus’ > ‘macho’) ou passar pelo rotacismo (‘implicare’ > ‘empregar’, ‘eclesia’ > ‘igreja’, ‘nob(i)lita’ > nobreza).

A SITUAÇÃO DAS VIBRANTES

Em relação às vibrantes, Mattos e Silva (1991: 81) aponta que “a vibrante anterior simples latina é o antecedente histórico da vibrante simples do português (‘caru’ > ‘ca/r/o’), enquanto a geminada intervocálica resultou na vibrante alveolar múltipla (‘carru’ > ‘ca/r̄/o’) que assim se realiza ainda em dialetos conservadores de Portugal e caracteriza algumas áreas do Brasil”. No português arcaico, havia oposição entre a vibrante simples [r] e a múltipla [R] em termos de intensidade da vibração, uma vez que, segundo relato de Fernão de Oliveira (1536), as duas vibrantes em questão se realizavam com a “Pronuncia-se o *r* singelo com a língua pegada nos dentes queixais de cima, e sai o bafo tremendo na ponta da língua. Do *rr* dobrado, a pronunciação é a mesma que a do *r* singelo, senão que este dobrado arranha mais as gengivas de cima, e o singelo não treme tanto”

(MATTOS E SILVA, 1992: 97). Porém, de acordo com Mattos e Silva (1991), a posteriorização da vibrante múltipla em posição de coda silábica, típica dos dialetos contemporâneos do português, parece ter começado a atuar no final do século XIX e, hoje, como afirma Teyssier (1997), consiste na realização geral de Lisboa, que foi amplamente adotada no restante de Portugal.

No português brasileiro, a pronúncia mais generalizada da vibrante em coda é, preferencialmente, a posterior, que, no entanto, apresenta diversas possibilidades de realização: fricativa velar surda ([x]), fricativa velar sonora ([ɣ]), fricativa glotal surda ([h]), fricativa glotal sonora [ɦ], retroflexa ([ɻ]), vibrante múltipla ([R]). Há falares, como o sulista, que apresentam um tepe nessa posição ([r]), e, além disso, esse segmento tende ao apagamento, sobretudo quando em final de palavra. A realização da vibrante em coda é influenciada tanto por fatores externos (área geográfica) quanto por fatores internos (ambiente seguinte, se vozeado ou desvozeado, no caso das realizações fricativas).

PALAVRAS FINAIS

Como se vê, são muitas as transformações das consoantes do latim para o português e muitas delas têm repercussão em outro componente, como o morfológico. A perda da geminação como propriedade contrastiva foi compensada pelo ganho de novas conquistas fônicas – as palatais e novas fricativas sonoras –, o que fez com que o quadro se tornasse mais simétrico. Além disso, muitas mudanças efetuadas ao longo do tempo são encontradas hoje na forma de variações linguísticas, como é o caso da permuta de /l/ por /r/ nos grupos consonantais e a queda de consoantes finais, em realizações como ‘falá’ (por ‘falar’) e ‘garage’ (por ‘garagem’), por exemplo. Voltaremos a esse tópico no capítulo 3.

Fez-se, neste capítulo, a apresentação das mudanças do latim ao português no que diz respeito às consoantes. Vimos que é extremamente importante, para a descrição dos processos fonológicos envolvendo tais segmentos, observar a posição da consoante

não apenas no interior da sílaba (*onset* ou *coda*), mas também – e principalmente – no interior da palavra (inicial, medial e final). Observamos que duas principais tendências caracterizam a passagem do latim ao português: a lenização e a palatalização.

A lenização foi maior na posição final, o que levou à queda de quase todos os segmentos nesse ambiente, repercutindo, inclusive, na morfologia, com a criação de morfes \emptyset . Em início de palavra, a principal mudança ocorreu nos grupos consonantais, quase todos evoluídos para /f/. Em posição medial, as surdas sonorizaram e as oclusivas sonoras passaram a fricativas, apresentando diferentes destinos conforme o ponto de articulação. Assim, /b/ evolui para /v/, /d/ sofre síncope e /g/ pode se manter, apagar ou se transformar em /ʒ/, a depender das vogais circunvizinhas.

As consoantes alveolares se transformaram em palatais diante de /i/, o que justifica a existência de /ɲ/ e /ʎ/ em português. Também as fricativas alveopalatais, /ʃ, ʒ/, muitas vezes resultaram da palatalização de consoantes nesse ambiente. Por tudo que se expôs ao longo do capítulo, a aquisição de novos segmentos fez com que o quadro fonológico do português se tornasse bem mais simétrico que o do latim.

Utilizaremos, no próximo capítulo, encaminhamento semelhante para descrever as mudanças ocorridas no quadro de vogais. Desse modo, algumas das questões discutidas neste capítulo serão retomadas no seguinte e outras, como a criação de ditongos, serão aprofundadas com as informações referentes às mudanças vocálicas do latim ao português.

EXERCÍCIOS

1. Diz a gramática de Coutinho (1938: 123) que os grupos consonantais -br-, -cr-, -dr-, -gr-, -pr- e -tr- apresentam, na passagem para o português, dois reflexos: um em que a forma é mantida e outro diferenciado. Analise os dados seguintes e decida se a mudança é estruturalmente condicionada e, se for o caso, explicita o condicionamento.

- br- → membru > membro; libru > livro; lib(e)rare > livrar
- cr- → prescriptu > prescrito; lacrima > lágrima
- dr- → lorandru > loendro; cat(h)edra > cadeira
- fr- → sulf(u)re > enxofre; africanu > ábrego (arc.)
- gr- → nigru > negro; frangere > cheirar
- pr- → scalpru > escopro; capra > cabra
- tr- → intrare > entrar; putre > podre

2. Explique o condicionamento que justifica as diferentes evoluções da oclusiva velar sonora (os pontos indicam fronteira de sílabas):

- | | | |
|-------------------|------------------|-------------------|
| e.go > eu | re.ga.le > real | a.gus.tu > agosto |
| li.ga.mem > liame | ro.ga.re > rogar | le.gen.da > lenda |

3. A seguir, são dados três processos fonológicos que operaram na evolução do latim para o português. Estabeleça a sucessão mais provável entre eles, justificando o ordenamento com exemplos que compõem o *corpus* dado logo abaixo.

- sonorização de surdas intervocálicas
- degeminação de consoantes
- fricativização

<i>Corpus:</i>	malum	abbate	additione	annus
	uitam	superbia	peccatu	pulica
	caballu	oculus	trabe	paganu

4. Sabe-se que o português apresenta um número elevado de ditongos decrescentes. O latim vulgar, no entanto, segundo comentam os gramáticos históricos, só dispunha do ditongo /ow/, que alternava com a vogal simples /o/ (taurus > touro ~ toro). Levando em conta o *corpus* abaixo, explique o surgimento de alguns ditongos decrescentes do português, analisando a evolução dos segmentos consonantais.

cena	auena	paganu	gradu	malum
canes	papeles	profectu	regnu	capitanes

5. Explique o surgimento de consoantes palatais a partir do seguinte grupo de palavras latinas:

plano
gemere

palea
baneo

malea
hodie

vineo
passione

CAPÍTULO 3:

VOCALISMO

No que diz respeito ao vocalismo, estudo das transformações sofridas pelas vogais ao longo da sua evolução histórica, pode-se afirmar que a língua portuguesa, comparativamente à latina, apresenta um quadro de segmentos menos numeroso, devido à “perda” da quantidade (oposição longo/breve) como propriedade fonologicamente relevante. Por outro lado, inovou em relação ao latim, ao estabelecer oposição entre dois tipos de vogais médias – as abertas e as fechadas. Nos termos de Tarallo (1990), as “perdas” foram compensadas pelo “ganho” de novas conquistas fônicas.

Para entendermos essas perdas e ganhos ao longo do tempo, é necessário descrever as vogais de acordo com a posição que ocupam em relação ao acento, uma vez que houve uma importante alteração no ritmo, o que tornou mais marcada a oposição entre tônicas e átonas. Tomemos o latim clássico como ponto inicial de referência.

O SISTEMA VOCÁLICO DO LATIM CLÁSSICO

O sistema vocálico latino, em sua variedade culta ou erudita – ou seja, falada por uma pequena elite e consagrada pela literatura – era constituído de dez vogais em posição tônica. Essas vogais se opunham, basicamente, por três propriedades: (a) duração (longa ou breve); (b) altura (alta, média ou baixa) e (c) recuo (anterior, central, posterior). De acordo com Maurer Jr. (1962), o /a/, longo ou breve, era sempre aberto. Nas demais vogais, ao contrário, havia

correspondência entre quantidade e timbre, uma vez que as longas tendiam a se realizar como fechadas e as breves como abertas.

Como se pode ter certeza da manifestação fonética de uma língua já morta há tanto tempo, como o latim? Uma resposta convincente a essa instigante pergunta vem do depoimento dos gramáticos, que, a exemplo de Quintiliano e Sérvio¹, eram extremamente meticulosos na descrição da pronúncia de vogais e consoantes. Observem-se os seguintes comentários sobre a oposição longa/breve (cf. FARIA, 1970):

Longa esse duorum temporum, breuem unis etiam pueri sciunt. (Quintiliano)

“Até as crianças sabem que as longas têm dois tempos e as breves, um”.

Vocales sunt quinque, a, e, i, o, u. Ex his duae, e et o, aliter sonant producta e correptae. (Sérvio)

“As vogais são cinco: a, e, i, o, u. Dessas, duas, e e o, têm produção alterada quando breves”.

Em latim, a duração (oposição breve/longa) marcava a oposição de vários pares de palavras, o que constitui evidência de seu estatuto fonológico. O macron (¯) é um sinal diacrítico colocado sobre uma vogal para indicar que essa mesma vogal é longa (tem emissão prolongada no eixo temporal). Seu oposto é uma braquia (ˇ), diacrítico usado para representar uma vogal breve (ou curta). Em latim, uma longa corresponde, em tempo, à duração de duas breves (FARIA, 1970).

- (35) mālum (“mal”) X mālum (“maçã”)
 lēuo (“erguer”) X lēuo (“aplainar”)
 līber (“livro”) X līber (livre)
 nōta (“marca”) X nōta (“conhecida”)
 lūtum (“lodo”) X lūtum (“amarelo”)

1 Quintiliano foi um romano que viveu entre 35 d.C. e 100 d.C. e se notabilizou como professor de retórica. Sua obra mais famosa é *Institutos de Oratória*, na qual descreve as funções do *grammaticus*, o profissional a quem cabia ministrar, na antiga Roma, conhecimentos relativos ao “bom” uso da linguagem. Sérvio foi um romano que viveu no final do séc. IV d.C. e se notabilizou como um grande gramático de seu tempo. Sua obra mais famosa são os comentários sobre Virgílio.

Além disso, a quantidade distinguia o nominativo e o ablativo da primeira declinação. Por exemplo, uma palavra como ‘rosã’, com vogal final breve, relacionava-se ao caso nominativo e, portanto, correspondia ao sujeito da sentença. A forma ‘rosā’, com vogal longa, manifestava o caso ablativo e, tinha, na sentença em que ocorria, função de adjunto adverbial. Em (35), a seguir, dependendo da quantidade das vogais finais de ‘magna’ (“grande”) e ‘pugna’ (“batalha”), havia interpretações completamente distintas, uma vez que as funções sintáticas se alteravam radicalmente (os exemplos são de Zágari, 1988):

(36) *Sic magn/ă/ pugn/ă/ extrincta est.*
Assim se extinguiu uma grande batalha.

Sic magn/ā/ pugn/ā/ extrincta est.
Assim se extinguiu numa grande batalha.

Como se vê, se ‘magna’ e ‘pugna’ terminam em /ă/, correspondem ao sujeito (estão no nominativo), o que leva à interpretação de que foi a batalha que se extinguiu. Ao contrário, se essas mesmas palavras terminam em /ā/, sinalizam o caso dativo e, por isso, caracterizam o lugar em que algo ou alguém (o sujeito não está explícito) se extinguiu numa batalha (adjunto adverbial).

As vogais latinas também se diferenciam pelo recuo, pois havia contraste entre anteriores e posteriores (36), e pela altura (oposição entre altas e médias, por exemplo), como se vê em (37):

(37) mētum (“medo”) X mōtum (“movimento”)

(38) tōtum (“todo”) X tūtum (“seguro”)

As dez vogais do latim clássico são dispostas como na figura a seguir, o triângulo cardeal, que didaticamente representa a abertura da cavidade bucal e a área aproximada de articulação de cada vogal ao longo do espaço entre a língua e o palato. A seguir, cada vogal da variedade culta é devidamente classificada:

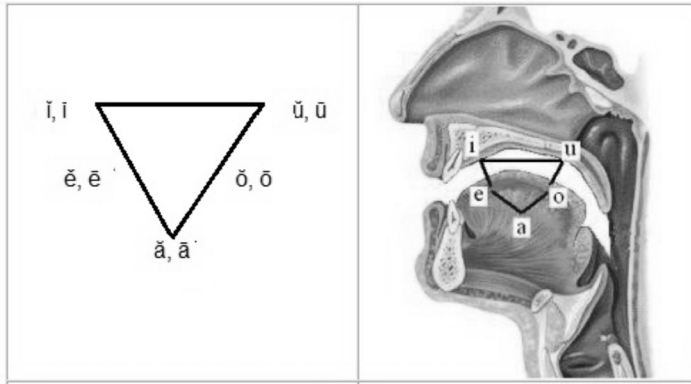


Figura 2: Sistema vocálico do latim clássico.

- /ã/: vogal baixa, central, breve
- /ā/: vogal baixa, central, longa
- /ě/: vogal média, anterior, breve
- /ē/: vogal média, anterior, longa
- /ĩ/: vogal alta, anterior, breve
- /ī/: vogal alta, anterior, longa
- /ō/: vogal média, posterior, breve
- /ō/: vogal média, posterior, longa
- /ũ/: vogal alta, posterior, breve
- /ū/: vogal alta, posterior, longa

Na próxima seção, comparamos o ritmo das variedades culta e popular com o objetivo de mostrar de que maneira o acento se manifestava nos dois “latins” e por que passou a influenciar diretamente a qualidade das vogais.

RITMO E ACENTO: LATIM CLÁSSICO E LATIM VULGAR

De acordo com Mattoso Câmara Jr. (1976), não foram as línguas neolatinas que neutralizaram a oposição de quantidade, tão produtiva no latim clássico. Nas palavras de Tarallo (1990: 95), “já no latim vulgar a quantidade das vogais havia perdido a função distintiva, dando lugar a um sistema prosódico acentual que

se tornaria fonêmico nas línguas românicas”. Mattoso Câmara Jr. (1976: 40) é ainda mais contundente ao ressaltar a relação entre acento e qualidade vocálica:

A intensificação do acento destruiu esse delicado jogo quantitativo no latim vulgar. Ao mesmo tempo, as vogais passaram a ser condicionadas pela incidência ou não do acento. Assim se eliminou a quantidade como traço vocálico distintivo e se estabeleceram três quadros diversos para as vogais, conforme tônicas, pretônicas ou átonas finais.

Pela citação, percebe-se que o latim vulgar neutralizou a oposição de quantidade – traço de difícil assimilação para falantes de línguas tão variadas com que os romanos entraram em contato durante as conquistas. Em compensação, modificou o ritmo da variedade culta, fazendo com que o acento deixasse de ser foneticamente regulado pela duração das sílabas e passasse a ser fonologicamente determinado pela intensidade. Dito de outra maneira, o acento, de extremamente previsível e determinado pelo peso da penúltima sílaba, como mostraremos adiante, passou a relativamente imprevisível, manifestando-se, sobretudo, pela intensidade, o que tornou mais marcada a oposição entre tônicas e átonas (e mesmo entre átonas).

Maurer Jr. (1962: 65) observa que, no latim clássico, todas as sílabas eram pronunciadas com igual intensidade, sendo a tônica emitida num tom mais alto. Em favor de tal posição, apresenta os seguintes argumentos: (1) a métrica latina possuía ritmo quantitativo, não havendo tratamento diferenciado para sílabas tônicas e átonas; (2) autores do período clássico aplicavam com correção o sistema quantitativo de vogais latinas; e (3) a própria descrição do acento feita por gramáticos antigos caracterizava o ritmo dessa variedade como predominantemente silábico².

2 Em todas as línguas, a fala possui um ritmo, que se encaixa em um de dois tipos. No ritmo silábico, caso do francês e do espanhol, as sílabas têm todas a mesma duração. No ritmo acentual, as sílabas têm durações diferentes, mas o intervalo de tempo entre as sílabas tônicas é regular. É o caso da língua inglesa.

Ainda de acordo com Maurer Jr. (1962: 66), não é fácil estabelecer uma data precisa para o surgimento do acento de intensidade no latim vulgar. A respeito da coexistência dessas diferentes manifestações do acento, o autor nos apresenta evidências de que “o acento no latim urbano era entonado da mesma forma que o fazia o grego”, língua de ritmo silábico. Salienta, por fim, que havia uma clara oposição “à fala rústica (vulgar) do entorno da cidade de Roma”, cujo ritmo, ao que tudo indica, era acentual.

Na variedade culta, não havia oxítonas. A esse respeito, assim se posiciona Quintiliano (séc I d. C.): “*ultima syllaba nec acuta*” (“a última sílaba nunca é aguda” – leia-se acentuada). Como o acento não incide em sílabas finais, dissílabos são sempre paroxítonos (as tônicas, doravante, estarão em negrito), seja a sílaba acentuada leve ou pesada: **fāctu** (“fato”), **lŭpu** (“lobo”), **rēte** (“rede”), **cītu** (“cedo”), **brēues** (“breves”), **cæcu** (“cego”), **nĕrviu** (“nervo”), **fīcu** (“figo”). Sílabas leves são sílabas sem coda (consoante em posição de travamento, pós-vocálica) e com núcleo preenchido por vogal breve, a exemplo das sílabas iniciais de **lŭpu** (“lobo”) e **cītu** (“cedo”). Sílabas pesadas, por sua vez, ou apresentam um constituinte em coda, como **nĕrviu** (“nervo”) e **fāctu** (“fato”), ou apresentam vogal longa no núcleo, a exemplo de **rēte** (“rede”) e **fīcu** (“figo”).

Nas palavras trissilábicas e polissilábicas, o acento podia incidir na penúltima ou na antepenúltima sílaba, a depender do peso da penúltima. Se essa sílaba fosse pesada (isto é, apresentasse coda **e/ou** vogal longa no núcleo), o resultado era uma palavra paroxítona. Caso contrário, isto é, se a penúltima sílaba fosse leve (não apresentasse coda e tivesse núcleo preenchido por vogal breve), o resultado era uma proparoxítona:

(39)

PAROXÍTONAS

scūtu (“escudo”)
supĕrbia (“soberba”)
caritāte (“caridade”)
secrĕtu (“segredo”)
profĕctu (“proveito”)
eclĕsia (“igreja”)
magīster (“mestre”)
spĕctrum (“fantasma”)
aduĕrsu (“avesso”)
amātu (“amado”)

PROPAROXÍTONAS

pulīca (“pulga”)
acucūla (“agulha”)
lepōre (“lebre”)
persīcu (“pêssego”)
virīde (“verde”)
regūla (“regra”)
intĕgru (“inteiro”)
calīdu (“quente”)
debīta (“dívida”)
popūlos (“povos”)

O acento era previsível na variedade culta porque as palavras podiam ser paroxítonas e proparoxítonas, classificação determinada tanto pelo tamanho do vocábulo (dissílabos) quanto pelo peso da penúltima sílaba (trissílabos e polissílabos). Vale lembrar que as geminadas participam de duas sílabas, sendo *onset* da última e coda da penúltima, o que torna essa sílaba pesada e, portanto, acentuada (seja a vogal breve ou longa):

(40) **spīssu** (“fino”) **uerecūnnia** (“vergonha”)
capīllu (“cabelo”) **stĕlla** (“estrela”)

O quadro que segue resume o comportamento do acento na variedade culta:

Última sílaba	Duas sílabas	Três ou mais sílabas	
Jamais acentuada	Acento na primeira sílaba (leve ou pesada)	Penúltima pesada	Penúltima leve
		Acento nesta sílaba	Acento na anterior
	sōcru, prātu	marītu, aduĕrsu	apicūla, barbāru

Quadro 5: Posição do acento no latim clássico.

Já dissemos que o latim vulgar não conservou a oposição de quantidade do clássico e inovou em relação a essa variedade no que diz respeito ao ritmo, que passou de silábico a acentual. O que os autores – Mattoso Câmara Jr., 1976; Maurer Jr., 1962; Tarallo, 1990, para citar apenas alguns – chamam de “fonologização do acento de intensidade” levou a uma série de alterações no vocalismo átono já no próprio latim vulgar.

Em primeiro lugar, um processo fonológico já comentado no capítulo 2 – a apócope do /e/ final, longo ou breve, subsequente a segmentos contínuos alveolares, ou seja, /n, l, s, r/ – provocou a ressilabificação da última consoante, que passou de *onset* a *coda*, e, com isso, tornou a sílaba final acentuada, dando origem a palavras oxítonas:

(41)

amāre > amar	fidēle > fiel	leōne > leon	crūce > cruz
potēre > poder	legāle > legal	cāne > can	fāce > faz
debēre > dever	anēle > anel	pāne > pan	lūce > luz
colōre > color	canāle > canal	ratiōne > rations	rapāce > rapaz

Por outro lado, como bastante atestado no *Appendix Probi* (lista de 227 correções em que se confrontavam, lado a lado, as duas variedades de língua, num esquema do tipo “diga X não diga Y”), as proparoxítonas tendiam a se realizar como paroxítonas, em função da síncope de vogais em sílaba postônica (os números a seguir são das próprias glosas e há, na lista, inúmeros outros casos, além dos exemplificados):

(42)

3. Speculum non speculum.
4. Masculus non masclus.
5. Vetulus non veclus.
8. Articulus non articlus.
10. Angulus non anglus.
36. Barbarus non barbar.

53. Calida non calda.
 54. Frigida non fricda.
 201. Viridis non viridis.

Pode-se perceber, até aqui, que o acento não mudou de lugar de uma variante para a outra; o que ocorreu foi o enfraquecimento das átonas, que caíram e, com isso, modificaram a estrutura da sílaba e, conseqüentemente, a posição da tônica. Casos efetivos de deslocamento do acento, no entanto, foram comuns quando as sílabas finais apresentavam *onset* complexo (grupo consonantal). Nessa situação, especificamente, ocorreu o fenômeno da diástole – deslocamento do acento para a sílaba seguinte:

(43)

colŭbra > colobra (“cobra”) **tenĕbras** > tenebras (“trevas”)
Intĕgru > integru (“inteiro”) **cathĕdra** > catedra (“cadeira”)

Ao que tudo indica, o latim vulgar tendeu à rejeição a proparoxítonas, do mesmo modo em que tornou ainda mais frequente a incidência do acento na penúltima sílaba. Além disso, reconheceu o acento nas sílabas finais, desde que essas terminassem nas seguintes codas alveolares: /n, l, s, r/. Por tudo isso, o acento realmente fonologizou na variedade popular. O **Quadro 6** resume o comportamento do acento no latim vulgar:

Antepenúltima sílaba	Penúltima sílaba	Última sílaba
Pouco acentuada (ou não acentuada)	Acentuada como na variedade culta: bonitate, prātu	Acentuada em função da apócope de /e/
Glosa 149 do <i>Appendix</i> : pĕrsĭca non pessica	Resultado da síncope: Glosa 142 do <i>Appendix</i> : stăbŭlum non stablum Resultado da diástole: cŏlŭbra non colobra	aprĭle > april rapāce > rapaz sermōne > sermon

Quadro 6: Posição do acento no latim vulgar.

Em relação às vogais, é extremamente difícil determinar de que maneira foi desfeita, de fato, a oposição longa/breve, uma vez que o latim vulgar não foi uniforme, reconhecendo inúmeras variedades diatópicas (relacionadas às diferentes regiões em que o latim foi falado) e diastráticas (relacionadas aos variados grupos sociais que tinham o latim como língua nativa ou de cultura). Na **Figura 3**, aparecem as correlações entre as vogais do latim clássico e do latim vulgar:

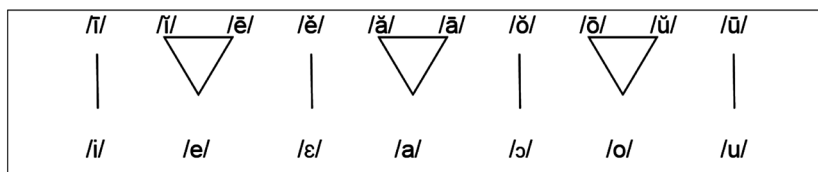


Figura 3: Correlações entre as vogais do latim clássico e do latim vulgar

Como Zágari (1988: 69), acreditamos que esse esquema de correlações de modo algum pode caracterizar o latim vulgar como um todo, uma vez que (a) nem todas as línguas neolatinas apresentam médias abertas; (b) a reinterpretação da quantidade ocorreu de modo diferenciado nas várias línguas evoluídas do latim vulgar; e (c) a escolha desse esquema “tem sabor pessoal e torna-se preconcebido, pois o situa como prioritário por continuar as línguas românicas ditas ‘mais civilizadas’”. Porém, se considerarmos que o esquema representa variedade de língua latina evoluída para o português, a Figura 3 torna-se mais consistente, pois, de fato, as vogais breves têm correspondentes mais baixos em nossa língua (‘**lūtum**’ > ‘l[o]do’; ‘**cītu**’ > ‘c[e]do’). Além disso, as médias breves estão na base da criação das médias abertas /ɛ/ e /ɔ/ (**mē**le > ‘m[ɛ]l’; **rō**ta > ‘r[ɔ]da’) e também sofreram um processo fonológico muito comum na transição latim-português: a metafoia, fenômeno que consiste na alteração de altura de uma vogal tônica por influência de átonas postônicas.

A reinterpretação da quantidade pela altura acarretou a neutralização (perda de contraste) entre altas breves e médias longas,

ambas realizadas como médias fechadas, a exemplo de ‘**sĭccu**’ > ‘s[e]co’, ‘**placĕre**’ > ‘praz[e]r’ (vogais anteriores) e ‘**lŭpu**’ > ‘l[o]bo’, ‘**flōre**’ > ‘fl[o]r’ (vogais posteriores). Outra diferença relevante é a confluência das vogais baixas (‘**pāce**’ > ‘p[a]z’, ‘**āqua**’ > ‘[a]gua’), agora realizadas como um único segmento, /a/. Por fim, temos a grande inovação em relação ao latim culto: a existência de médias abertas, fruto da evolução das médias breves, como em ‘**dĕce**’ > ‘d[ɛ]z’ e ‘**lōcu**’ > ‘l[ɔ]go’. A seguir, apresentam-se exemplos de cada correspondência estabelecida na **Figura 3**:

(44) /ī/ > /i/: **ficu** > f[i]go; **amīcu** > am[i]go; **uicīnu** > viz[i]nho; **uīta** > v[i]da

$$\begin{array}{l} /ī/ \\ /ē/ \end{array} \triangleleft /e/ : \left\{ \begin{array}{l} \mathbf{cītu} > c[e]do; \mathbf{sīccu} > s[e]co; \mathbf{pīllu} > p[e]lo; \mathbf{nīgru} > n[e]gro \\ \mathbf{crĕdo} > cr[e]io; \mathbf{sapĕre} > sab[e]r; \mathbf{placĕre} > praz[e]r \end{array} \right.$$

/ĕ/ > /ɛ/: **sĕpte** > s[ɛ]te; **fĕrru** > f[ɛ]rro; **dĕce** > d[ɛ]z; **pĕtra** > p[ɛ]dra

$$\begin{array}{l} /ā/ \\ /ā/ \end{array} \triangleleft /a/ : \left\{ \begin{array}{l} \mathbf{pāce} > p[a]z; \mathbf{grātia} > gr[a]ça; \mathbf{locāle} > lug[a]r; \mathbf{ānsa} > [a]sa \\ \mathbf{āqua} > [a]gua; \mathbf{lātu} > l[a]do; \mathbf{āues} > [a]ves; \mathbf{māre} > m[a]r \end{array} \right.$$

/ū/ > /u/: **cūio** > c[u]jo; **acūtu** > ag[u]do; **uirtūte** > virt[u]de; **frūctu** > fr[u]to

$$\begin{array}{l} /ū/ \\ /ō/ \end{array} \triangleleft /o/ : \left\{ \begin{array}{l} \mathbf{mūsca} > m[o]sca; \mathbf{tūrri} > t[o]rre; \mathbf{crŭsta} > cr[o]sta; \mathbf{lŭpu} > l[o]bo \\ \mathbf{scōpa} > esc[o]va; \mathbf{famōsu} > fam[o]so; \mathbf{colōre} > c[o]r; \mathbf{flōre} > fl[o]r \end{array} \right.$$

/ō/ > /ɔ/: **prōba** > pr[ɔ]va; **nōtŭla** > n[ɔ]doa; **lōcu** > l[ɔ]go; **pōtet** > p[ɔ]de

As correspondências exemplificadas de modo algum devem ser interpretadas como categóricas; antes, têm de ser vistas como tendências gerais de evolução que podem não ocorrer por diversos fatores, desde condicionamentos fonológicos a motivações de ordem morfológica ou mesmo lexical (isso sem contar os contra-exemplos, de difícil explicação). Nosso propósito, portanto, é o de descrever os casos mais regulares, explicando as exceções sempre com base em fatores fonológicos.

VOGAIS TÔNICAS: DO LATIM AO PORTUGUÊS

Na série tônica, as correspondências apresentadas na **Figura 3** podem não ocorrer em função da metafoia, processo de assimilação à distância que envolve vogais. Trata-se, na verdade, de uma espécie de harmonização vocálica, pois uma vogal exerce pressão para que outra, em sílaba adjacente, aproxime-se dela em algum aspecto articulatório. Na harmonização vocálica, a pressão parte da tônica, a exemplo do que ocorre com ‘coruja’, em que a pretônica tende a realizar-se alta, [u], em decorrência da presença de uma alta, [u], na tônica.

Na metafoia, é uma átona o gatilho da modificação. Silveira (1964) salienta que as átonas finais, por desempenharem importantes funções morfológicas na língua (expressão do caso, manifestação do gênero), acabaram influenciando a realização das tônicas. Desse modo, a metafoia, numa perspectiva histórica, corresponde à mudança no curso normal de evolução das vogais tônicas por influência das átonas finais.

Ressaltamos que as médias breves, /ě, ǫ/, têm correspondentes abertos em português, /ɛ, ɔ/. No entanto, há situações em que essas vogais evoluem para fechadas, quando a átona subsequente é alta. Nos dados a seguir, ocorre o alçamento da tônica em um grau, ou seja, a esperada média aberta realiza-se como fechada, como se vê nos exemplos e na representação via triângulo cardeal:

(45)

mĕtum > m[e]do
pĕrsĭcu > p[e]ssego
pĕrdĭta > p[e]rda
prĕtiu > pr[e]ço
cerĕsĭa > cer[e]ja

fĕrtia > f[o]rça
iĕcu > f[o]go
cĕrpu > c[o]rpo
hĕdie > h[o]je
fĕlia > f[o]lha

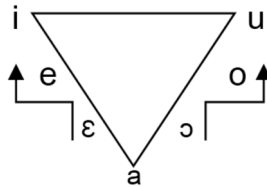


Figura 4: Alçamento por metafonia (um grau): de média aberta à média fechada.

Médias longas, /ē, ō/, também se elevaram quando seguidas de /i, u/, igualmente caracterizando o alçamento em um grau:

(46) **dĕbĭta** > d[i]vida **testemōnia** > testem[u]nha
fĕci > f[i]z **pĕtuit** > p[u]de
vĕni > v[i]m **pĕsui** > p[u]s

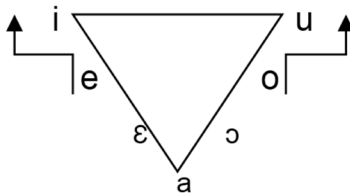


Figura 5: Alçamento por metafonia (um grau): de média fechada à alta.

O alçamento, no entanto, pode ser de dois graus. Nos verbos, as altas finais longas fazem com que uma média breve evolua para uma alta, sendo caracterizada, portanto, por uma dupla subida em relação ao correspondente esperado.

- (47) **f**ērīo > f[i]ro **d**ōrmīu > d[u]rmo
sērūio > s[i]rvo **p**ōtūit > p[u]de
sēqūo > s[i]go **c**ōmplīo > c[u]mpro

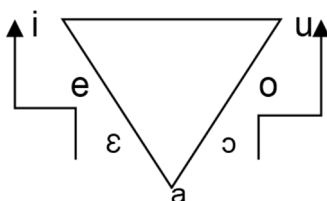


Figura 6: Alçamento por metafonia (dois graus): de média aberta a alta.

Esse fenômeno histórico justifica a alomorfia de vários radicais verbais com médias. Nessa situação, a noção de P1 (primeira pessoa do singular), no presente do indicativo, além de se manifestar por meio da desinência *-o*, sistematicamente apresenta uma vogal alta em posição tônica, diferindo das demais pessoas, que apresentam médias (abertas ou fechadas). Na morfologia, tais casos são considerados alternâncias submorfêmicas, uma vez que a informação morfológica se manifesta duplamente: pela desinência *-o* pela diferença de altura na vogal do radical (MATTOSO CÂMARA Jr., 1970):

- (48) eu minto X ele mente eu sinto X ele sente
eu cubro X ele cobre eu subo X ele sobe
eu repilo X ele repele eu consigo X ele consegue

O fenômeno da metafonia explica o comportamento de vários pares de palavras com flexão de gênero e/ou de número redundan-

te, ou seja, marcada pelo acréscimo de partículas morfológicas específicas (o *-s* de plural e o *-a* de feminino) e pela alternância de vogais no radical. Como se vê nos exemplos a seguir, o masculino caracteriza-se pela presença de vogais fechadas e o feminino e o plural, de vogais abertas. Mattoso Câmara Jr. (1970) denomina essa alternância de submorfêmica, uma vez que funciona como reforço, traço extra, secundário, na manifestação de uma informação morfológica:

(49)	[o]	[ɔ]	[ɔ]
	porco	porca	porcos
	novo	nova	novos
	morto	morta	mortos
	grosso	grossa	grossos
	fogo		fogos
	povo		povos
	ovo		ovos
	osso		ossos

Do ponto de vista histórico, as formas marcadas são as de masculino e singular, uma vez que foram elas – e não as de feminino e plural – que sofreram o fenômeno da metafonia, pois terminavam em vogal alta, gatilho do processo. Formas femininas e plurais não finalizavam em altas; por isso mesmo, as médias breves seguiram o curso normal de evolução, apresentando correspondentes abertos. Desse modo, o termo “plural metafônico” não é inteiramente adequado, numa perspectiva histórica, uma vez que formas plurais não se submeteram ao processo, por terminarem em *-os*. Observe-se que, em latim, as tônicas eram idênticas:

(50)	masculino	feminino	plural
	põrcu > p[o]rco	põrca > p[ɔ]rca	põrcos > p[ɔ]rcos
	mõrtu > m[o]rto	mõrta > m[ɔ]rta	mõrtos > m[ɔ]rtos
	nõuu > n[o]vo	nõua > n[ɔ]va	nõuos > n[ɔ]vos
	iõcu > j[o]go		iõcos > j[ɔ]gos
	põpũlu > p[o]vo		põpũlos > p[ɔ]vos

A metafonia também atuou no sentido de tornar as vogais tônicas mais baixas. Isso ocorreu quando a átona final era /a/, segmento com maior grau de abertura. Nos pronomes femininos, por exemplo, a alta breve tônica, /i/, deveria apresentar /e/ como correspondente, mas a presença de /a/ na sílaba final promove o abaixamento para /ɛ/:

(51)	ĩsta > [ɛ]sta
	ĩlla > [ɛ]lla
	ĩpsa > [ɛ]ssa
	accuĩlla > aqu[ɛ]lla

Nesse grupo de pronomes, por conta da metafonia, há resquícios, em português, do gênero neutro do latim, uma vez que a oposição masculino / feminino / neutro, além de marcada por segmentos finais distintos, vem reforçada, no radical, pela presença de diferentes vogais: as mais altas estão associadas ao neutro (‘isso’, ‘aquilo’), as mais baixas ao feminino (‘essa’, ‘aquela’) e as de altura intermediária ao masculino (‘esse’, ‘aquele’). Cabe ressaltar que a diferença no radical historicamente se justifica pela metafonia, pois, nesse caso, somente as formas de masculino não sofreram o processo. As de feminino, por ação do /a/ final, passaram a médias abertas, como se vê na **Figura 7**:

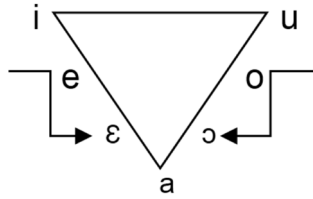


Figura 7: Abaixamento por metafonia (um grau): de média fechada à média aberta.

Comportamento semelhante aparece em outras formas cujo resultado seria uma média fechada, haja vista que a forma latina apresentava, na tônica, uma média longa, /ē, ō/, o que levaria às vogais /e, o/. A presença do /a/ final desencadeia, por metafonia, o abaixamento dessas médias, que chegam ao português como /ε, ɔ/.

- | | | |
|------|-----------------------------|---------------------------|
| (52) | rē gūla > r[ε]gra | hacō ra > ag[ɔ]ora |
| | monē ta > mo[ε]da | fō rma > f[ɔ]rma |
| | aphotē ca > bod[ε]ga | hō ra > h[ɔ]ra |

A metafonia foi, portanto, um processo fonológico bastante geral na evolução latim-português, só deixando de atuar quando o alvo do processo (a vogal tônica) aparecia antes de uma geminada, a exemplo do que ocorre com ‘**fē**rrum’ > ‘f[ε]rro’ e ‘**martē**llum’ > ‘mart[ε]lo’.

Há, além da metafonia, outra situação que modifica o comportamento das tônicas: o fechamento de médias breves em função da contiguidade com um *glide*, seja ele oriundo de uma oclusiva vocalizada, como nos exemplos a seguir, ou resultante da dissolução de hiatos (‘**mē**.u’ > ‘m[e]u’), alguns formados pela queda de consoantes intervocálicas (‘**ē**go’ > ‘[e]u’):

- | | | |
|------|-------------------------------|-------------------------|
| (53) | pē ctu > p[e]ito | nō cte > n[o]ite |
| | rē gnu > r[e]ino | ō cto > [o]ito |
| | profē ctu > prov[e]ito | dō cto > d[o]uto |

VOGAIS ÁTONAS: DO LATIM AO PORTUGUÊS

Ensina-nos Mattoso Câmara Jr. (1976) que, com a fonologização do acento de intensidade, há uma gradação de atonicidade entre pretônicas e postônicas, sendo as últimas bem mais débeis que as primeiras. Desse modo, é de se esperar que pretônicas resistam mais à ação das mudanças que postônicas. De fato, vogais iniciais átonas tendem à manutenção, exceto quando desapoçadas, isto é, quando formam sílabas sozinhas, sem consoante em *onset* ou coda. Nessa situação, o apagamento, isto é, a aférese, foi o resultado mais comum:

- (54) acūme > gume inamorāre > namorar Olispōna > Lisboa
 inōdio > nojo attōnītu > tonto epīgru > prego
 insānia > sanha episcōpus > bispo

Muitas vezes, vogais iniciais desapoçadas, quando /o/ ou /a/, acabaram confundindo-se com o artigo definido, inovação do português em relação ao latim. Num claro processo de reanálise, o falante interpreta um nome como um sintagma nominal constituído de artigo + substantivo. Por isso mesmo, processa a decomposição e extrai a vogal inicial interpretada como artigo definido (GONÇALVES, 1993):

- (55) abbatīna > batina aphotēcam > bodega
 opacium > baço horolōgīo > relógio

Acréscimos de vogal inicial também podem ser explicados por analogia, tendo o artigo definido se acoplado ao nome seguinte, num processo chamado de prótese (56), inserção de segmentos na borda esquerda da palavra. Esse mesmo /a/ pode ser oriundo, também, das preposições latinas ‘ab’ e ‘ad’, que se prefixaram à palavra seguinte, originando uma sílaba (57):

- (56) **mōra** > amora
minācia > ameaça
- (57) **adpōst** > após ad **cīma** > acima
admaniāna > amanhã ad **īllic** > ali
ad cāntum > acento ad **mirāre** > admirar

Um caso categórico de inserção de vogal inicial é o de /e/ antes do grupo consonantal latino sC-, em que C representa uma consoante oclusiva surda (/p, t, k/). Pode-se entender, por esse processo de prótese, que a língua passa a impor restrições a determinadas combinações no interior da sílaba, o que irá determinar outras mudanças no vocalismo átono, como iremos mostrar mais adiante:

- (58)
- | | | |
|--------------------------|---------------------------|---------------------------|
| stēllam > estrela | scūtu > escudo | spātiu > espaço |
| stāre > estar | scālae > escala | spēcies > espécies |
| spōnso > esposo | spēcūlum > espelho | spīssu > espesso |

Como a sequência es- tornou-se produtiva na língua, muitas palavras de articulação aproximada, por analogia, modificaram suas sílabas iniciais (COUTINHO, 1938: 103):

- (59) **auscultāre** > ascuitar (arcaico) > escutar
abscondēre > asconder (arcaico) > esconder
aestimāre > estimar
aestīvo > estio

Vogais pretônicas mediais podem sofrer apagamento, num processo chamado, pela tradição filológica do português (CHAVES de MELO, 1981; MEIER, 1974; MIAZZI, 1972), de síncope (deleção de segmentos no interior da palavra). Nesse particular, comportam-se da mesma maneira que as postônicas não-finais, estas últimas encontradas em palavras proparoxítonas. Vimos, na seção 2, que o latim vulgar evitava proparoxítonas, seja processando a diástole

(‘**tē**nebras’ > ‘**tene**bras’), seja suprimindo vogais contíguas ao acento (‘**pū**līca’ > ‘pulga’).

Vogais átonas internas, pretônicas ou postônicas, caíram sempre que as condições de boa-formação silábica o permitiram, isto é, (1) quando o resultado da queda é um grupo consonântico constituído de líquida (/l, r/) na segunda posição ou (2) quando a consoante dita flutuante (sem lugar na sílaba, devido ao apagamento do núcleo) pode ocupar a posição de coda, nesse caso, /l, n, s, r/. Em (60), apresentam-se exemplos de pretônicas e em (61), de postônicas:

(60)	ONSET COMPLEXO	CONSOANTE EM CODA
	labor ā re > lavar	honor ā re > honrar
	aper ī re > abrir	uerit ā te > verdade
	oper ā riu > obreiro	cabalic ā re > cavalgar
	cooper ī re > cobrir	delic ā to > delgado
	compar ā re > comprar	bonit ā te > bondade
(61)	par ā bōla > palavra	am ā rīcu > amargo
	ōp ē ra > obra	g ē nĕro > genro
	r ē gūla > regra	u ī rīde > verde
	l ī ttĕra > letra	c ō mīte > conde
	ā l tĕru > outro	m ā nīca > manga

Resta falar, ainda, das postônicas finais. De um modo geral, as vogais se conservaram nessa posição, exibindo o que pode ser chamado de efeito de borda: a margem direita da palavra, por vincular-se à flexão, acabou se tornando menos propensa à ação das mudanças, ainda que o quadro de vogais seja reduzido a apenas três segmentos nessa posição (MATTOSE CÂMARA JR., 1970): /a, i, u/. Nesse ambiente, como abordamos no capítulo 2, somente a vogal latina /e/ sofre apócope (queda em posição de final absoluto de palavra, margem direita) e dá origem a palavras oxítonas:

- (62) **aprīle** > abril **rapāce** > rapaz **īntrāre** > entrar
amāre > amar **fidēle** > fiel **sapōne** > sabon

DITONGOS: DO LATIM AO PORTUGUÊS

O latim clássico apresentava duas semivogais: /j/ e /w/. Esses segmentos se consonantizaram, isto é, perderam a articulação vocálica já no latim vulgar, como vimos no capítulo 2. Além disso, não formavam ditongos na modalidade erudita porque apresentavam valor de consoante. Nessa variedade de latim, só havia quatro ditongos: /æ/, /œ/, /ew/ e /aw/. A tendência para reduzir-se a vogais simples remonta ao próprio latim vulgar (ILARI, 1994), no qual se encontram, no *Appendix Probi*, formas como ‘celebs’ (por ‘cælebs’), ‘sepis’ (por ‘sæpis’) e ‘clostro’ (por ‘claustrum’). O português, comparativamente ao latim, apresenta um número consideravelmente maior de ditongos, o que nos conduz, de imediato, às seguintes questões: (1) de onde provêm e (2) como foram formados os ditongos decrescentes do português?

Em linhas gerais, os ditongos latinos desapareceram, todos, no latim vulgar (AUERBACH, 1970; HUBER, 1990). Os ditongos que surgem nas línguas românicas são, via de regra, derivados de transformações fonéticas, tendo, portanto, origem não propriamente latina. Em português, o ditongo /æ/ monotonga e apresenta dois destinos diferentes conforme a posição que ocupava em relação ao acento. Quando figurava em sílaba acentuada, evoluiu para uma média anterior aberta, [ɛ] (primeira linha); quando em sílaba pretônica, resultou numa vogal alta, [i] (segunda linha):

- (63) **cælu** > c[ɛ]u **cæcu** > c[ɛ]go **fæces** > f[ɛ]zes
ætāte > [i]dade **æquāle** > [i]gual **ædīliu** > idílio

O ditongo /œ/ não era comum na língua clássica e menos ainda na popular (ILARI, 1994), provavelmente por conta da difícil articulação (posterior-anterior). Esse ditongo evoluiu para /e/, uma vogal fechada, uma vez que seus constituintes são fechados, ao

contrário de /æ/, cujo primeiro elemento é aberto. Exemplos como ‘**p**œna’ > ‘pena’ e ‘**f**œdo’ > ‘feo’ (arcaico) > ‘feito’ confirmam essa mudança.

Relata-nos Coutinho (1938: 109) que o ditongo /ew/ também era pouco usual em latim e caracterizava, sobretudo, nomes próprios de origem grega. O autor assinala que essas formas foram monotongadas na variedade popular, realizando-se com [o], num processo fonológico chamado de coalescência, em que dois segmentos se reduzem a um terceiro, diferente dos primeiros. Nesse caso, a vogal se realiza média, como o núcleo, mas arredondada, como o *glide*. Coutinho (*op. cit.*) nos oferece os seguintes exemplos, do latim vulgar: ‘Eulália’ > ‘Olália’; ‘Eugēniu’ > ‘Ogênio’; ‘Eusēbiu’ > ‘Osébio’. No substantivo comum ‘**l**ēuca’, por sua vez, houve, após a sonorização da surda intervocálica (/k/ > /g/), metátese (inversão na posição de segmentos; permuta na ordem dos sons no interior da palavra), o que resultou em ‘légua’.

O ditongo mais produtivo do latim foi, sem dúvida alguma, /aw/. Silva Neto (1950: 197) observa que, “em certas regiões da Itália, onde o latim se sobrepôs a certos falares itálicos, preponderaram formas locais em que au se reduzia a o. Com a expansão dos romanos, muitas delas lograram difundir-se pelo império”. Ressalta, ainda, que, nessa época, tinha também operado “*a vocalização do l depois de a, que levou igualmente à constituição do ditongo au*”: ‘altāriu’ > ‘autairo’ > ‘outeiro’; ‘āltēro’ > ‘autro’ > ‘outro’.

A monotongação de /aw/ através do já aludido fenômeno da coalescência foi um dos processos mais repudiado pela aristocracia, sendo encarado como típico da fala da plebe. Coutinho (1938: 109) relata-nos uma engraçada história envolvendo esse fenômeno:

Conta Suetônio que, tendo Mestre Floro advertido a Vespasiano de que não deveria pronunciar plostrum, mas plaustrum, aproveitando-se da má lição, o imperador o cumprimentou no dia seguinte, chamando-o de Flaurum.

Essa pequena narrativa mostra que a coalescência em [o] era a realização mais típica do ditongo latino /aw/, tanto é que formas como ‘**paupĕre**’ e ‘**auricŭla**’ chegam ao português como ‘pobre’ e ‘orelha’, respectivamente, ambas com um média na primeira sílaba. A forma /aw/, por assimilação da semivogal, podia resultar também no ditongo /ow/, até hoje, alterna com a vogal [o] (‘roubo’ ~ ‘robo’; ‘pouco’ ~ ‘poco’):

(64)	thesauru > tesouro	auru > ouro	raucu > rouco
	pausāre > pousar	tauru > touro	pauco > pouco
	causa > cousa	lauru > louro	

As duas últimas palavras de (62) alternaram o ditongo para /oj/. No caso de ‘**lauru**’ > ‘louro’ ~ ‘loiro’, a alternância [ow] ~ [oj] é até hoje encontrada. Coutinho (1936) observa que essa realização, muito comum no português arcaico, como em ‘agoiro’, ‘tesoira’ e ‘estoiro’ (MATOS SILVA, 1992), pode ter acontecido por influência do árabe, durante a invasão muçulmana na Península Ibérica (a partir do séc. VIII d.C).

A grande variedade de ditongos decrescentes do português não tem, portanto, origem propriamente latina. Nossos ditongos surgem da atuação de processos fonológicos específicos, como veremos a seguir.

A FORMAÇÃO DE DITONGOS

Diferentes processos fonológicos explicam a existência da variedade de ditongos decrescentes orais e nasais que o português apresenta. Um deles, bastante discutido no capítulo 2, é a síncope de consoantes alveolares intervocálicas. Com a queda da consoante, surge um hiato, posteriormente desfeito pela formação de uma sílaba em que a segunda vogal passa a assilábica (torna-se *glide*):

- (65) **m**ālu > mau **u**ādit > vai **c**aelu > céu
dēdit > dei **u**ēlum > véu **u**ādu > vau > vou
inclūdit > inclui **g**rādu > grau **u**anitātem > vaidade

A queda da consoante intervocálica pode deixar duas vogais adjacentes. Como os hiatos tendem a ser desfeitos ao longo da história do português, um *glide* anterior, /j/, é inserido entre as vogais, de modo a desfazer o hiato por meio do ditongo decrescente /ej/:

- (66) **cr**ēdo > creio > creio **t**ēla > tea > teia **fr**ēnu > frêo > freio
arēna > arêa > areia **f**ēdu > feo > feio **pl**ēnu > chêo > cheio

Outro processo responsável pela formação de ditongos decrescentes com /j/ é a vocalização de consoantes oclusivas que, ao contrário do latim, não podem, em português, aparecer na posição de coda. Essa restrição ao preenchimento da coda, agora ocupada apenas por /l, r, n, s/, certamente foi responsável pela transformação das consoantes no *glide* anterior:

- (67) **f**ācto > feito **con**cēpto > conceito **r**ēgnu > reino
nōcte > noite **fr**ūctu > fruto (arc.) > fruto **ō**cto > oito

Outro processo que justifica o aumento de ditongos decrescentes em português foi a metátese, isto é, a inversão de segmentos. Nesses casos, a permuta de uma das vogais tem por meta desfazer o iminente hiato final, deixando a última sílaba sempre CV (Consoante+Vogal), padrão de borda direita mais comum em português:

- (68) **r**ābia > ravia > raiva
capiam > cabia > caiba
sapiam > sabia > saiba
cāpui > caube > coube
hābui > haube > houve
sāpui > saube > soube
bāseu > basio > baijo > beijo
cāseu > caseo > caijo > queijo

Por metátese, originou-se um dos sufixos mais comuns e polissêmicos da língua: *-eiro*, oriundo de *-ariu(m)*. O sufixo latino *-ariu(m)* chega ao galego-português na forma de *-eiro* após sofrer dois processos fonológicos (MAURER Jr, 1962): metátese (inversão na ordem do tepe, de antes para depois de /i/) e alteamento vocálico (elevação da vogal baixa /a/, que passa à média /e/), processo que afetou praticamente todas as formas evoluídas de /aj/, a exemplo de ‘**l**acte’ > ‘laite’ > ‘leite’ e ‘**f**actu’ > ‘feito’ > ‘feito’. Entre as terminações *-ariu* e *-eiro*, há registros de uma forma intermediária, *-airo*, a qual foi pouco documentada, aparecendo, nos textos da época, em palavras como ‘contrairo’ e ‘vigairo’ (MATOS SILVA, 1992), posteriormente reanalisadas como ‘contrário’ e ‘vigário’, por conta do reingresso das formas *X-ariu(m)* por via erudita (séculos XV/XVI), como apontam Marinho (2004) e Souza (2006).

- (69) prim**m**āriu > primairo > primeiro lib**r**āriu > livrairo > livreiro
 ferr**r**āriu > ferrairo > ferreiro den**n**āriu > ãairo > dinheiro
 op(e)**r**āriu > obrairo > obreiro

Resta, por fim, abordar a situação dos ditongos nasais. Como vimos no capítulo precedente, o apagamento da nasal alveolar, /n/, deixa contíguas duas vogais, sendo a primeira delas nasalizada. Caso a seguinte seja alta ou alteável (nesse caso, uma média), o resultado será um ditongo decrescente nasal:

- (70) gr**ã**nu > grão m**ã**nu > mão pl**ã**nu > chão
 c**ã**nes > cães lim**õ**nes > limões m**ã**nos > mãos

O ditongo *-ão*, no entanto, provém de várias terminações latinas, como enfatizamos no capítulo 2. Uma delas, já retomada aqui, é a apócope do /e/ antes de alveolares, o que inclui a nasal /n/, a exemplo de ‘sap**õ**ne’ > ‘sabon’ e ‘p**ã**ne’ > ‘pan’. Desse modo, singular e plural são explicados, historicamente, por processos fonológicos diferentes: apócope de /e/, no singular, e síncope de

/n/, no plural. No singular, todas as formas terminadas em -n desenvolveram, com o tempo, o ditongo -ão ('pão', 'sabão'), o que resultou num singular uniforme, tanto para os casos oriundos de síncope ('**mānu**' > 'mão') quanto para os desenvolvidos a partir da apócope ('**sapōne**' > 'sabon' > 'sabão').

Temos, hoje, três formas de plural porque a fonologia histórica acabou impondo diferentes mudanças morfofonêmicas para pares de flexão de número. Vale lembrar que essa mudança é encaixada: as terminações de plural – *-ãos*, *-ães* e *-ões* – são ocasionadas pelas diferentes combinações de vogais resultantes da queda da nasal, como se observa nos exemplos a seguir:

- (69) **grānu** > grãos **mānu** > mãos **ōrphānu** > órfãos
pānes > pães **capitānes** > capitães **cānes** > cães
leōnes > leões **pauōnes** > pavões **sapōnes** > sabões

Em relação ao gênero, a mesma questão se coloca, pois formas masculinas em *-ão*, oriundas de diferentes terminações latinas, podem apresentar femininos correspondentes em *-oa* ou em *-ã*. As formas de feminino se caracterizaram pela síncope da nasal intervocálica, que, como enfatizamos, deixa duas vogais contíguas, criando uma situação de hiato. Se as vogais são diferentes, como em (70), a nasalidade se desfaz e a terminação do feminino é *-oa*; caso as vogais adjacentes sejam idênticas, a nasalidade se mantém e o resultado é uma forma feminina em *-ã* (71):

- (70) **leōne** > leon > leão; leona > leõa > leoa
patrōnu > patrõu > patrão; patrona > patrõa > patroa
leitōne > leiton > leitão; **leitōna** > leitõa > leitoa
- (71) **ōrphānu** > orfãu > órfão; **ōrphāna** > orfãa > órfã
capitāne > capitan > capitão; **capitāna** > capitãa > capitã
pagānu > pagãu > pagão; **pagāna** > pagãa > pagã

PALAVRAS FINAIS

Como ressaltamos ao longo do capítulo, foram muitas as transformações das vogais do latim para o português e várias tiveram repercussão em outro componente, o morfológico. A perda da duração como propriedade contrastiva foi compensada pelo ganho de novas conquistas fônicas: o acento de intensidade e a oposição de abertura nas médias. Além disso, muitas mudanças efetuadas ao longo do tempo são encontradas hoje na forma de variações linguísticas, como é o caso da alternância entre *-ão* e *-on*, em palavras como ‘salmão’ ~ ‘salmon’ e ‘parmesão’ ~ ‘parmeson’. A metátase também é comum em realizações como ‘tauba’ (por ‘tábua’), do mesmo modo que são ouvidas, ainda hoje, pronúncias como ‘louro’ e ‘loiro’.

Fez-se, neste capítulo, a apresentação das mudanças do latim ao português no que diz respeito às vogais. Vimos que é extremamente importante, para a descrição dos processos fonológicos envolvendo tais segmentos, observar a posição da vogal em relação ao acento. Observamos as seguintes tendências que caracterizam a passagem do latim ao português: (a) a releitura da quantidade pela abertura, (b) a criação de diferentes quadros de vogais em conformidade com o acento e (c) a formação de vários ditongos.

O latim vulgar não conservou a oposição de quantidade do latim clássico e inovou em relação a essa variedade no que diz respeito ao ritmo, que passou de silábico a acentual. A fonologização do acento de intensidade levou a uma série de alterações no vocalismo átono já no próprio latim vulgar. Em primeiro lugar, com a apócope do /e/ final, criou o acento oxítono. Em segundo lugar, a rejeição a proparoxítonas levou a uma série de apagamentos vocálicos, como atesta o *Appendix Probi*, principal fonte de reconhecimento da língua falada durante a expansão do Império Romano.

A oposição de quantidade foi desfeita no latim vulgar e, conseqüentemente, no português. Desse modo, as longas tenderam

ao à manutenção de uma articulação fechada, enquanto as médias breves evoluíram para abertas, o que levou à criação de /ɛ, ɔ/. Por fim, os ditongos do português não têm origem nos do latim, uma vez que os existentes nessa língua foram desfeitos. A variedade de ditongos que o português apresenta se justifica pelos seguintes processos:

- (a) síncope de consoantes alveolares intervocálicas ('**m**ǎlu' > 'mau'; '**u**ǎdit' > 'vai', '**c**ǎlu' > 'céu');
- (b) desfeitura de hiatos com a inserção de um *glide* anterior, /j/ ('**cr**ēdo' > 'creo' > 'creio'; '**t**ēla' > 'tea' > 'teia');
- (c) vocalização de consoantes oclusivas ('**f**ǎcto' > 'feito': '**o**cto' > 'oito');
- (d) metátese ('**r**ǎbia' > 'ravia' > 'raiva'; '**prim**āriu' > 'primairo' > 'primeiro').

EXERCÍCIOS:

6. Explique o condicionamento que justifica as diferentes evoluções dos segmentos abaixo (os pontos indicam fronteira de sílaba):

o ditongo /-æ/	a vogal média anterior breve /ě/
cae.cu > cego	pě.trā > pedra
praes.tu > presto	mě.le > mel
sae.ta > seta	mě.tum > medo
ae.ta.te > idade	fě.rio > firo
ae.qua.le > igual	sě.quo > sigo

7. A seguir, são dadas quatro palavras latinas. Escolha duas delas e explique todos os processos fonológicos (vocálicos, consonantais, silábicos e acentuais) que ocorreram na passagem do latim ao português, apresentando, no final da descrição, a forma resultante.

- a. u ē r ĩ c ũ n ĩ a
- b. c ĩ c õ n e a
- c. s ē d ē n t ā r e
- d. c ā t ē n a

8. Sabe-se que o português apresenta um número elevado de ditongos decrescentes. O latim vulgar, no entanto, segundo comentam os gramáticos históricos, só dispunha do ditongo /ow/, que alternava com a vogal simples /o/ (taurus > touro ~ toro). Levando em conta o *corpus* abaixo, explique o surgimento de alguns ditongos decrescentes do português, analisando a evolução dos segmentos consonantais.

cēna	auēna	crīstānu	grādu	malum
cānes	papēles	prōfēctu	rēgnu	capitanes

9. Os dados abaixo, todos do latim clássico, apresentam a mesma vogal tônica nas formas singulares e plurais. Em português, no entanto, há o que Mattoso Câmara Jr. (1976) chama de alternância submorfêmica: o plural é caracterizado tanto pelo acréscimo de -s quanto pela mudança no timbre vocálico. Que fato histórico explica esse comportamento sincrônico? Explique-o com base nos dados abaixo e mostre que as descrições sincrônica e diacrônica diferem em relação à forma considerada marcada.

p ō r c u	>>	p[o]rco	p ō r c o s	>>	p[ɔ]rcos
i ō c u	>>	j[o]go	i ō c o s	>>	j[ɔ]gos
m ō r t u	>>	m[o]rto	m ō r t o s	>>	m[ɔ]rtos
ō u u	>>	[o]vo	ō u o s	>>	[ɔ]vos
n ō u u	>>	n[o]vo	n ō u o s	>>	n[ɔ]vos

10. Discuta a veracidade das afirmações a seguir, tendo em vista o estabelecimento de um confronto sistemático entre o latim clássico e o latim vulgar no que diz respeito ao componente fonológico:

a. “O acento do latim vulgar passou a fonológico, uma vez implementada a perda da quantidade vocálica como traço fonologicamente relevante”.

b. “A perda da quantidade levou ao surgimento de um sistema vocálico que, em vez de três, distingue quatro graus de altura, estabelecendo oposição entre dois tipos de vogais médias”.

11. Tomando por base o comportamento do acento, explique a tonicidade das palavras abaixo no latim clássico, no latim vulgar e no português.

a. ĩn.tě.gru

b. mŭ.lĩě.re

c. uĩ.rĩ.de

d. cŏ.lũ.bra

CAPÍTULO 4:

PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

Processos fonético-fonológicos são alterações de natureza sonora as mais variadas. Na literatura (cf., p. ex., SAID ALI, 1966; SILVA NETO, 1992; SILVEIRA, 1964), é frequente a referência a essas transformações como **metaplasmos** (processos que acrescentam, suprimem ou transpõem segmentos numa palavra). Essas mutações podem ser percebidas tanto do ponto de vista sincrônico (num único estágio da língua) quanto do ponto de vista diacrônico (estágios sucessivos da língua). Neste capítulo, abordamos alguns dos processos fonológicos responsáveis pelas principais alterações de natureza sonora (consonantais e vocálicas) que marcaram a passagem do latim ao português, incluindo a fase do galego-português. Também constitui objetivo do capítulo mostrar que os mesmos mecanismos atuam no português contemporâneo, fazendo com que surjam pronúncias típicas da variedade brasileira, que podem ser generalizadas entre os falantes ou utilizadas como marcadores sociais. Nas palavras de Botelho & Leite (2005: 2), analisamos os chamados “metaplasmos contemporâneos”, ou seja, “[...] as transformações ocorridas a partir da Língua (no nosso caso a portuguesa do Brasil), que conhecemos hoje”.

Ainda nos apoiando em Botelho & Leite (2005), separamos as transformações (metaplasmos contemporâneos) em quatro tipos: (a) por supressão, que consiste na perda de um segmento fônico (‘árvore’ ~ ‘árvre’); (b) por aumento, que ocorre quando um som é inserido no corpo fônico do vocábulo (‘voar’ ~ ‘avovar’); (c) por

transposição, quando há deslocamento de segmentos (‘lagarto’ ~ ‘largato’) ou mudança no acento primário (‘rubrica’ ~ ‘rúbrica’); e (d) por transformação, que se caracteriza pela mudança de traços, transformando os segmentos em outros de articulação aproximada (‘igreja’ ~ ‘ingreja’).

A seguir, abordamos os principais processos fonológicos envolvidos nas transformações ocorridas em estágios anteriores da língua que se mantêm atuantes no português contemporâneo, partindo do pressuposto de que as forças condicionantes da variação que atuam hoje não diferem substancialmente daquelas que operaram no passado (princípio da uniformidade).

METAPLASMOS POR SUPRESSÃO E ACRÉSCIMO

Os metaplasmos por supressão e acréscimo podem incidir numa das bordas da palavra (esquerda ou direita) ou no interior do vocábulo, constituindo, portanto, verso e reverso de operações fonológicas, como se vê na representação a seguir:

		PALAVRA	
	INÍCIO	MEIO	FIM
↓	Aférese	Síncope	Apócope
↑	Prótese	Epêntese	Paragoge

Figura 8: Metaplasmos de queda (↓) e inserção (↑) de segmentos conforme a posição no interior da palavra.

AFÉRESE E PRÓTESE

Em Gonçalves (1993), há um amplo estudo sobre os processos de aférese e prótese, tanto do ponto de vista diacrônico quanto sincrônico. Em linhas gerais, a aférese pode ser descrita como um fenômeno de eliminação de segmentos débeis em posição de início absoluto de palavras (margem esquerda). Mecanismo contrário se

observa na prótese, que consiste no acréscimo de sons ou sílabas, o que a caracteriza como fenômeno de reforço (CUNHA, 1976). Dessa forma, aférese e prótese podem ser vistos, nas palavras de Gonçalves (1993: 22), como “fenômenos morfofonológicos envolvendo, respectivamente, o cancelamento e a inserção de sons ou de sílabas em posição pretônica”, como se vê nos exemplos prototípicos a seguir, extraídos de Gonçalves (*op. cit.*: 22):

(74) Nosso ranchinho assim / tava bão / tava bão / gente de fora / **trapaçou**. (antiga canção carnavalesca)

(75) Eu fui no Jardim Zoológico / Pedi parpíte seu barão / seu barão me **arrespondeu**: / ora, jogue no leão. (do folclore popular).

Frequentemente descritos, nas gramáticas tradicionais, em seções destinadas aos metaplasmos diacrônicos, os fenômenos de aférese e prótese são considerados, pela maior parte dos gramáticos normativos (ROCHA LIMA, 1976; CUNHA, 1976) como (a) exclusivamente históricos e (b) característicos da passagem do latim para as línguas românicas, em geral, e para o português, mais especificamente. De fato, tanto a supressão como o acréscimo em posição inicial são bastante comuns na evolução do latim vulgar para quase todas as línguas românicas.

(76) Italiano: rena (do latim arena)
 Francês: épaule (do latim spatula)
 Espanhol: escudo (do latim scutu)
 Português: gume (do latim acume)

De acordo com Gonçalves (1993), a variação envolvendo um [a] inicial é tão antiga quanto a história da língua. O primeiro testemunho dessa alternância está registrado no *Appendix Probi*, que, como vimos, constitui valioso documento linguístico-filológico por confrontar, lado a lado, a pronúncia correta com a considerada “errada” (SILVA NETO, 1956). Desse modo, a flutuação do [a]

inicial já existia no latim vulgar, conforme atesta a glosa “amygdala non middula”.

Filólogos e gramáticos históricos propõem tipologias de aférese e prótese, esboçando, dessa forma, uma classificação para os fenômenos a partir da natureza do segmento inicial em mutação. Silva Neto (1950), por exemplo, observa que há casos de cancelamento e inserção em início de palavras tipicamente fonético-fonológicos, nos quais atuam condições de boa-formação silábica, ao lado de outros especificamente morfológicos, regulados pelo princípio da analogia.

No primeiro grupo, Silva Neto (*op. cit.*) reúne os casos de prótese da vogal <e>, como em ‘estrela’ (do latim ‘stella’), ‘espelho’ (do latim ‘specullu’) e ‘estar’ (do latim ‘stare’). Em exemplos desse tipo, um segmento inicial é introduzido com o propósito de desfazer um grupo consonantal que se tornou impróprio, s+oclusiva, tendo o [e] protético a função de separar esses segmentos por sílabas distintas, com o <s> na coda da nova sílaba inicial e a oclusiva surda no *onset* da seguinte. De acordo com Boucier (1945), esse fenômeno data do século II d.C, uma vez que aparece em inscrições do latim vulgar, como aquelas feitas em muros ou em túmulos (SILVA NETO, 1956). Situação semelhante ocorre com recentes empréstimos do inglês iniciados com S+consoante e adaptados para o português com a prótese de [i], como se vê nas transcrições a seguir, cuja produção pressupõe a fala carioca:

- | | | |
|------|---------------------------|------------------------|
| (77) | spot > [iʃ.ˈpɔ.tʃɪ] | slide > [iʒ.ˈlaj.dʒɪ] |
| | script > [iʃ.ˈkri.pi.tʃɪ] | slogan > [iʒ.ˈlo.gẽ] |
| | spray > [iʃ.ˈprej] | smoking > [iʒ.ˈmow.kĩ] |

Silva Neto (*op. cit.*) também reúne nesse grupo, de motivação puramente fonológica, os casos de aférese da vogal <i>, em exemplos como ‘nojo’ (do latim ‘inodio’) e ‘namorar’ (do latim ‘inamorare’) e ‘sanha’ (do latim ‘insania’). No segundo grupo, o autor inclui os casos de aférese e prótese da vogal <a>, que ora surge, ora desaparece, regulada pela ação da analogia. Nesse caso,

os fenômenos são tipicamente morfológicos, já que o segmento inicial é interpretado como morfêmico: ou são, como em (76), vocábulos portugueses que incorporaram as preposições latinas ‘ab’ (“afastamento, privação”) e ‘ad’ (“em direção a, aproximação”) ou são formas que perderam as vogais iniciais <o, a> por terem sido interpretadas como artigos definidos (77):

(78) ad cima > acima ad uersu > adverso ad illic > ali
ad post > após ab surdus > absurdo ab ortus > aborto

(79) horologiu > relógio obispo > bispo orego > rego
aventagem > vantagem aphoteca > bodega abbatina > batina

Coutinho (1968) observa que tanto a inserção quanto a queda do [a] inicial são mais justificadas por fatores de ordem analógica que por motivações fonético-fonológicas. Gonçalves (1993), por sua vez, recorre à ação conjunta de dois processos – metanálise e deglutinação/aglutinação – para explicar os processos de aférese e prótese em casos de mudança linguística. A metanálise consiste numa espécie de falsa decomposição de uma palavra ou expressão resultante de um corte não etimológico. Dessa maneira, a metanálise pode explicar a aférese do [a] inicial, entendido, na evolução latim-português, como artigo definido, a exemplo do que ocorre em (77). Nesses casos, atua conjuntamente o processo de deglutinação, que consiste em subtrair do vocábulo o segmento fônico considerado a ele adjungido em função de sua debilidade acentual.

No caso da prótese, a metanálise se conjuga com a aglutinação. Portanto, a preposição é agregada ao nome seguinte como membro de sua raiz, constituindo sua sílaba inicial pretônica. Vocábulos latinos como ‘mora’ e ‘minácia’, por exemplo, chegaram ao português, por aglutinação, como ‘amora’ e ‘ameaça’, respectivamente. A aglutinação também explica os exemplos em (78), em que, nos termos de Mattoso Câmara Jr. (1976), “o valor preposicional deixa de ser sentido pelos falantes” e a preposição se incorpora ao nome seguinte, primeiramente na qualidade de prefixo, mas logo perde

o sentido original e passa a funcionar como parte da raiz: ‘avante’ (‘ab’ + ‘ante’), ‘amanhã’ (‘ad’ + ‘maniana’).

Nos dias de hoje, são comuns casos de aférese e prótese da vogal [a] e essas realizações não passaram despercebidas pelos principais dialetólogos brasileiros. Nascentes (1922: 61), por exemplo, analisando o “linguajar carioca”, afirma que “é comum nos verbos a prótese do prefixo vernáculo a: *aprepará*, *arrepiti*, *arrespondê*, *amostrá*, *alembrá*”. Por outro lado, observa, que, “em compensação, em muitos outros verbos se dá uma aférese: *panhá*, *rança*, *burrecê*, *caba*” (NASCENTES, 1922: 63). Marroquim (1934: 96), que procura descrever o que chama de “a língua do Nordeste”, afirma que “não é necessário citar exemplos de aférese do a, tão vulgares e conhecidos são eles”. Quanto à prótese, acrescenta: “é figura oposta à aférese e, como ela, comuníssima e reles – *amontá*, *avexame*, *apois*” (MARROQUIM, 1934: 96).

A variação, no entanto, já aparece no português arcaico, conforme comprova Gonçalves (1993), o que nos mostra que o fenômeno é bem antigo na língua. Nos exemplos a seguir, extraídos de Gonçalves (1993: 31), observa-se que os fenômenos atingem verbos, adjetivos, substantivos e, até mesmo, conjunções:

(80)

Que o morador ouuer a firmar. Moller de uizino o fillo. Qui **rancado** fore por colona. (A linguagem dos foros de Castella, séc. XIII)

Dom Affonso de Castella mandou **ayuntar** quãtos liuros pode auer estórias antigas. (Crônica Geral de Espanha, séc. XIII)

Ca delgada pera gata un non val; e desto mui mais seu eu ca **bandonada**. (Cantiga de Escárnio e Maldizer, séc. XIII)

E poderẽ melhor chorar os seus pecados e irẽ sas almas mais **assessegadas**. (O livro das aves, séc. XV)

Ca o leite he doce e o **cafram** he doce e mais cheira bem. (Livro de falcoaria, séc. XV)

Ca em na minha alma nom era paz nem **assessego**. (Boosco deleytoso, séc. XV)

Inda que a pessoa seja poderosa, que por elle seja cõhecido entre muytos. (O livro dos Officios, séc. XV)

SÍNCOPE E EPÊNTESE

Síncope e epêntese são, nessa ordem, processos de apagamento e inserção de segmentos no interior da palavra. Dada a diversidade de elementos elididos na história da língua, como vimos nos capítulos 2 e 3, privilegiamos, aqui, dois processos de apagamento que também ocorrem nos dias de hoje: a síncope das átonas em proparoxítonos e a monotongação. Começemos com a situação das proparoxítonas.

O latim vulgar apresentava, dentre suas características fonológicas, uma tendência à pronúncia dos proparoxítonos como paroxítonos, por meio da síncope (apagamento) da vogal que compõe a sílaba imediatamente posterior à tônica. Essa tendência pode ser confirmada no *Appendix Probi*, que destaca várias palavras proparoxítonas cujas pronúncias eram realizadas, pelos falantes do Império Romano, como paroxítonas: ‘vernaculus non vernaclus’; ‘angulus non anglus’; ‘masculus non masclus’.

No português do Brasil contemporâneo, pode-se dizer que a tendência à redução dos proparoxítonos a paroxítonos, observada pelos gramáticos latinos, também é comum, sobretudo entre os falantes de normas populares. Uma justificativa fonológica para esse fenômeno é o fato de a articulação de palavras proparoxítonas exigir a realização de duas sílabas postônicas em sequência; assim, por serem inacentuadas, é frequente o enfraquecimento da sílaba que sucede a tônica – o que fornece contexto para a síncope da vogal presente nessa sílaba. Dessa forma, é comum encontrar,

entre falantes do português brasileiro, realizações como ‘xícra’ por ‘xícara’, ‘abóbra’ por ‘abóbora’, ‘Bárbra’ por ‘Bárbara’ e ‘óclus’ por ‘óculos’, por exemplo.

A maior parte dos falantes nega as pronúncias acima, muitas vezes por não perceber a síncope da vogal ou por temer o preconceito linguístico, mas uma simples observação atenta da fala nos revela que os dados aqui exemplificados, dentre outros semelhantes, são bastante comuns na nossa fala não-monitorada. Um meio de certificação quanto à existência de dados como ‘xícra’, ‘abóbra’ e ‘óclus’ na fala dos brasileiros é a formação de diminutivos perfeitamente aceitáveis como ‘xicrinha’ e ‘abobrinha’, que têm como base as formas paroxítonas.

Tendo em vista o que foi exposto, podemos dizer que a síncope de vogais postônicas nos proparoxítonos foi um dos fenômenos fonológicos que distanciaram o latim vulgar do latim clássico e foi responsável, em parte, pelo surgimento das línguas românicas, inclusive o português. Sendo assim, os exemplos citados não são exclusivos da fala dos brasileiros atualmente. Ao contrário, trata-se de uma tendência histórica, que tem uma razão fonológica para a sua ocorrência.

A monotongação dos ditongos [ow] e [ej], que, nos primeiros séculos do português europeu moderno, foram reduzidos às vogais [e] e [o] – distinguindo os falares Centro-Sul e Norte de Portugal – também é um fenômeno de síncope facilmente detectado no português brasileiro. Nesse sentido, dados como ‘oro’ por ‘ouro’, ‘matadoro’ por ‘matadouro’, ‘dorado’ por ‘dourado’, ‘cadera’ por ‘cadeira’, ‘fera’ por ‘feira’ e ‘mantega’ por ‘manteiga’ são frequentemente encontrados na fala de grande parte dos brasileiros.

A monotongação de [ow], em favor de uma única vogal [o], foi um processo fonológico cuja atuação fez com que se distinguíssem, diacronicamente, os falares do Centro-Sul e do Norte de Portugal, a partir do século XVII, instalando-se uma oposição entre inovação e conservação, nos seguintes termos:

a. Região Sul e a maior parte do Centro: o ditongo [ow] passa a uma única vogal [o] (‘pouco’>‘p[o]co’, ‘doutor’>‘d[o]tor’). Nessa faixa de monotongação, deve-se destacar que, na cidade de Leiria, o ditongo se conserva.

b. Região Norte: o ditongo [ow] se mantém.

Com base na distribuição acima, nota-se que a inovação parte do Sul, enquanto a região Norte se mostra mais conservadora, mantendo a preferência pela realização do ditongo. Em relação à direção da mudança, vale destacar que Lisboa, centro político e econômico, situa-se na região Centro-Sul de Portugal – daí avaliação positiva do falar da região, que pode servir de justificativa para a sua difusão.

A monotongação do ditongo [ej], por sua vez, foi um fenómeno ocorrido inicialmente na região Sul, novamente inovadora, que se opõe às realizações do Norte – região em que o ditongo foi mantido, como traço conservador. Teyssier (1997) observa, no entanto, que a monotongação não foi adotada na língua comum por questões sociais, uma vez que, nesse caso, a faixa da região Norte em que o ditongo se conservou inclui a cidade de Lisboa. Sendo assim, a monotongação, embora seja praticada por um grande grupo de falantes do Sul, não foi incorporada à norma culta do português europeu moderno, por não ter se efetivado em Lisboa (centro prestigiado).

Ainda segundo Teyssier (1997: 78), é difícil estabelecer o momento em que teria ocorrido a monotongação na região Sul, mas “na segunda metade do século XVIII, e por *ei* caracteriza o falar das personagens populares do Alentejo (ex.: *sardenhero* por *sardinheiro*)”. Dessa forma, é possível estimar que, em meados do século XVIII, a monotongação já teria se efetivado no Sul, apesar de suas raízes remontarem, provavelmente, a estágios anteriores da língua.

Uma vez que a monotongação de [ow] e [ey] ocorreu, em Portugal, entre os séculos XVII e XVIII (cf. Teyssier, 1997), é possível que a pronúncia monotongada tenha sido trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses, visto que, no período citado, a economia colonial deixava de ser açucareira e passava à mineradora, com a descoberta das grandes jazidas de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais. Houve, nessa época, portanto, uma grande corrente migratória de Portugal para o Brasil, em busca da riqueza recém-descoberta – o que pode, em parte, justificar a monotongação de [ey] e [ow] também no Brasil, se levarmos em conta que foi a partir da “corrida do ouro” que a colonização se tornou mais ostensiva – daí a necessidade de um maior número de portugueses, que pudessem, além de explorar as riquezas minerais, controlar o grande número de escravos exigidos para o trabalho nas minas (lembramos que o esforço físico realizado na atividade mineradora é maior do que aquele exigido pela cultura agrícola).

Observa-se, então, que fenômenos ocorridos na fala do português europeu entre os séculos XVII e XVIII estão presentes também na fala dos brasileiros atualmente. Sendo assim, estamos diante de um caso que não pode ser considerado uma “novidade” na história da nossa língua e nos aproximamos da ideia de Castilho (2002: 244), quando o autor afirma que “apontadas inicialmente como provas de ‘brasilidade’ do PB [português brasileiro], muitas de suas características fonéticas e gramaticais foram posteriormente reestudadas, tendo-se comprovado que se tratava de fenômenos do português quinhentista, e não de criações de brasileiros”. No caso da monotongação de [ow] e [ey], não se trata de uma mudança verificada no português europeu no século XVI, mas podemos estender o ponto de vista do autor para mostrar que o português brasileiro nem sempre se distancia da variedade europeia por ser inovador e conter formas que os falantes europeus jamais conheceram.

Em relação à epêntese, processo que envolve acréscimo de um segmento no interior da palavra, os exemplos mais gerais são, como vimos no capítulo 3, a ditongação (81) e o acréscimo de

nasais (82), ambos responsáveis pelo desfazimento de hiatos, por meio de processos de acréscimo de vogais ou consoantes:

(81)

area, aveia, cea (português arcaico) > areia, aveia, ceia (português moderno)

(82)

moño, ãa, vño (português arcaico) > moinho, uma, vinho (português moderno)

Retomando Faraco (1990: 122), “as comunidades humanas partilham, no presente e no passado, de certas propriedades recorrentes”; dessa forma, a inserção de uma vogal para desfazer o hiato é comum nos dias de hoje, como se observa, na fala carioca, em realizações como [‘bow.wa] (para ‘boa’), [‘leow.wa] (para ‘leoa’) e [tij.ja] (para ‘tia’).

De acordo com Bagno (2007: 08), “uma modalidade particular de epêntese é o **suarabácti** (ou anaptixe), a intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes: *planu* > *prão* > *porão*; *blatta* > *brata* > *barata*; *kruppa* (germânico) > *grupa* > *garupa*”. Na atual sincronia, a vogal inserida para desfazer grupos impróprios é sempre o [i]:

(83) [‘mɔ.gi.nu] ‘mogno’ [‘pa.ki.tu] ‘pacto’ [‘a.pi.tu] ‘apto’
 [fu.ʃi.’bɔl] ‘football’ [ĩ.’ta. ki.tu] ‘intacto’ [‘a.fi.te] ‘afta’

A seguir, vejamos como o obscurecimento de fonemas finais, já verificado em momentos históricos muito anteriores ao nosso, ainda se faz presente na fala do português brasileiro contemporâneo.

APÓCOPE E PARAGOGE

A apócope (queda de segmento na borda direita da palavra) foi, como vimos no capítulo 3, um processo fonológico responsável pelo apagamento de vogais postônicas finais no latim vulgar:

‘amare’ > ‘amar’; ‘leone’ > ‘leon’ > ‘leão’; ‘fidele’ > ‘fiel’. Por essa razão, inúmeras palavras terminadas em consoante no português atual resultam da evolução de palavras latinas que apresentavam uma vogal final – frequentemente [e].

No português brasileiro contemporâneo, a apócope é um processo muito comum entre os infinitivos verbais, que exibem uma forte tendência à queda do segmento final, quando não sucedidos de palavras iniciadas por vogais. Assim, a realização dos verbos no modo infinitivo mais comum no português brasileiro é aquela em que o erre final, que pode ser articulado de diferentes formas, a depender do dialeto, é suprimido – o que resulta em dados de fala como ‘fazê’ por ‘fazer’, ‘sentá’ por ‘sentar’ e ‘dormí’ por ‘dormir’.

Segundo Castilho (2002) a apócope de <r> nos infinitivos verbais também não é uma inovação produzida por falantes brasileiros, uma vez que se trata de uma tendência já existente no português europeu do século XVI, que pode ter sido transplantada para o Brasil durante o período colonial. Dessa forma, estaríamos diante de uma herança linguística deixada pelos nossos colonizadores.

Como se pode observar, a apócope nas formas verbais de infinitivo é mais uma característica do português brasileiro que remonta a estágios anteriores da evolução da língua – o que comprova o seu permanente caráter evolutivo, por meio de processos fonológicos que podem se manifestar por mais de uma vez no seu percurso histórico. Do mesmo modo, a paragoge não responde apenas pela inserção de segmentos finais em momentos pretéritos da língua (‘ante’ > ‘antes’), mas também pelo acréscimo da vogal [I], tanto em empréstimos quanto em siglas, por conta da restrição que o português apresenta quanto ao preenchimento da coda por oclusivas e fricativas labiais:

(84)

[‘suy.fi] ‘surf’	[‘fẽ.kI] ‘funk’	[‘drɛ.gI] ‘drag’	[‘lĩ.kI] ‘link’
[‘ku.ʃI] ‘CUT’	[‘si.kI] ‘CIC’	[‘i.fi] ‘IF’	[‘pi.bI] ‘PIB’

Na próxima seção, retomaremos o processo fonológico de metátese, observado na evolução da língua portuguesa, mostrando que essa transposição também é comum nos dias de hoje.

METAPLASMOS POR TRANSPOSIÇÃO

A metátese é um processo fonológico que envolve a mudança de posição entre segmentos localizados na mesma sílaba de um vocábulo. Diacronicamente, foi um processo envolvido, por exemplo, nas transformações ocorridas em palavras que foram afetadas pela inversão entre o tepe [r] e a vogal precedente, como ‘semper’ (‘sempre’), ‘inter’ (‘entre’), ‘pro’ (‘por’) e ‘quattuor’ (‘quatro’).

Sincronicamente, trata-se de um processo que se faz presente no português brasileiro contemporâneo, sobretudo entre representantes de normas populares, que se utilizam frequentemente de formas como ‘entterter’ (‘entreter’) e ‘parteleira’ (‘prateleira’), por exemplo.

Outro fenômeno de transposição é a chamada **hipértese**. Nesse caso, os segmentos invertidos ultrapassam os limites da própria sílaba, migrando para outra contígua. Tanto os exemplos históricos (85) quanto os atuais (86) são de Bagno (2007: 10):

- | | | | |
|------|-------------------|---------------------|-----------------------|
| (85) | capio > caibo | primariu > primeiro | fenestra > fresta |
| (86) | iogurte ~ iorgute | lagarto ~ largato | tábua ~ tauba |
| | estupro ~ estrupo | vidro ~ vrido | lagartixa ~ largatixa |

A seguir, passemos aos metaplasmos por transformação, focalizando o rotacismo, a palatalização e o alçamento de vogais médias.

METAPLASMOS POR TRANSFORMAÇÃO

Metaplasmos por transformação constituem processos que modificam propriedades articulatórias de um segmento, alterando-o por outro de articulação semelhante, a exemplo da sonorização (transformação de surdas em sonoras, como em ‘capra’ > ‘cabra’; ‘uita’ > ‘vida’), da assibilação (permuta de uma oclusiva por uma sibilante: ‘capitia’ > ‘cabeça’; ‘audio’ > ‘ouço’; ‘judiciu’ > ‘juízo’) e da nasalização (atribuição de nasalidade a um segmento oral: ‘nec’ > ‘nem’; ‘mihi’ > ‘mi’ > ‘mim’; ‘sic’ > ‘sim’). Como a maior parte desses processos já foi analisada nos capítulos 2 e 3 e optamos por descrever as alterações sempre comparando o passado com o presente, priorizamos, aqui, o rotacismo, a palatalização e o alçamento de vogais médias .

ROTACISMO

O rotacismo pode ser definido como um processo fonológico que envolve a substituição da lateral [l] pelo tepe [r]. Na passagem do latim ao português, a substituição de [l] por [r] teve papel relevante na mudança verificada em dados como ‘plicare’ > ‘pregar’ e ‘obligare’ > ‘obrigar’, por exemplo. Além disso, como lembra Bagno (2008: 74),

muitas dessas palavras com R estão documentadas em textos escritos no português medieval, indício de que, em algum momento da história, elas gozaram de prestígio, antes de serem substituídas (no século XVI, no período da relatinização) pelas formas com L. Isso para não mencionar a ocorrência de PRANTA, PRUMA, PUBRICA, INGRES na obra-prima de Camões, *Os Lusíadas* (1572), em pleno período renascentista.

No português brasileiro contemporâneo, o rotacismo entre [l] e [r] pode ser considerado comum entre falantes das variedades populares da língua, dando origem a formas como ‘p[r]anta’

(‘planta’), ‘f[r]ácido’ (‘flácido’), ‘b[r]usa’ (‘blusa’) e ‘bicic[r]eta’ (‘bicicleta’).

Quanto à ocorrência do rotacismo na fala, podemos afirmar que se trata de um fenômeno extremamente marcado socialmente, servindo de argumento para a depreciação do usuário, normalmente representante de normas populares e, portanto, de classe social baixa.

Na seção seguinte, o processo de palatalização, fundamental para a consolidação do sistema consonantal do galego-português e, posteriormente, do português arcaico, será revisto, com o objetivo de identificar dados em que se manifeste no português atual.

PALATALIZAÇÃO

O processo de palatalização, responsável por uma série de mudanças ocorridas do latim ao português, inclusive o surgimento de novos fonemas, como ([ʃ] e [ʒ]), também está presente na fala de muitos brasileiros atualmente, servindo, inclusive, como forma de diferenciação entre dialetos regionais.

O famoso “chiado” carioca, que, embora seja assim conhecido, é típico também da fala de Recife e Salvador, como mostram dados do Projeto NURC¹, é resultado da palatalização da fricativa alveolar [s], frequentemente realizada, nas localidades citadas, como alveopalatal, [ʃ], em final absoluto de palavra e diante de consoante surda. Sendo assim, as palavras ‘escada’ e ‘astro’, por exemplo, são comumente realizadas como ‘e[s]cada’ e ‘a[s]tro’ nas cidades de São Paulo e Belo Horizonte, por exemplo, enquanto a pronúncia mais típica das cidades do Rio de Janeiro e Recife é ‘e[ʃ]cada’ e ‘a[ʃ]tro’.

1 O Projeto NURC (Norma Urbana Culta), iniciado em 1970, tem o objetivo de caracterizar a modalidade de fala culta em cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife. As pesquisas desenvolvidas no âmbito do NURC encontram-se divididas em três subprojetos: fonética/fonologia, morfossintaxe e léxico. Mais informações podem ser encontradas no site www.lettras.ufrj.br/nurc-rj.

Quanto à justificativa para a palatalização de [s], tendo [ʃ] como resultado, Leite & Callou (2005: 32) afirmam que “parece ter sido introduzido no Rio de Janeiro no início do século XIX, trazido pela corte de D. João VI”; portanto, após o processamento da mudança em Portugal, no século anterior². Com base na dialetologia urbana, as autoras consideram como evidência para a afirmação citada o fato de que “no Centro, área inicial de residência da corte portuguesa, o índice de s ‘chiado’ chega a 96%” (IDEM, 2005: 33), ao passo que, em outras regiões da cidade, há uma maior distribuição entre s “chiado” e “não-chiado”. Assim, a pronúncia palatalizada de [s] e [z] finais e diante de consoantes surdas, atribuída sobretudo ao dialeto carioca, pode ter sido trazida ao Brasil por falantes portugueses das regiões em que a referida palatalização já havia se processado no português europeu.

Como última observação, vale destacar que, apesar de a fala carioca ser caricaturada em relação à palatalização [s] > [ʃ], a realização palatal ocorre apenas em contexto final absoluto e diante de consoante surda: ‘menina[ʃ]’; ‘o[ʃ]car’. Diante de consoante sonora, no entanto, a realização fonética corresponde à consoante alveopalatal sonora [ʒ], homorgânica de [ʃ]: ‘le[ʒ]ma’; ‘ve[ʒ]go’.

A seguir, veremos de que maneira os falantes do português brasileiro contemporâneo se utilizam do alçamento de vogais médias.

METAFONIA

O alçamento de vogais médias, que consiste na mudança de traços de vogais médias pretônicas, quando sucedidas de segmentos vocálicos de articulação alta ([i], [u]) na sílaba tônica, em busca da harmonização vocálica, é um processo ocorrido desde muito cedo na língua portuguesa, tal como afirma Maia (1986),

2 Segundo Teyssier (1997), no português europeu contemporâneo, todos os <s> e <z> em posição de travamento silábico são pronunciados como palatais: /ʃ/ em final absoluto (‘atrás’; ‘uma vez’) ou diante de consoante surda (‘vista’; ‘faz frio’) e /ʒ/ diante de consoante sonora (‘mesmo’; ‘atrás dele’). Ainda segundo Teyssier (*op. cit.*), o primeiro testemunho da palatalização aqui abordada encontra-se na obra de Luís António Verney (*Verdadeiro Método de Estudar*, 1746): “todo o -s final pronunciam como x”; “Não só o s final pronunciam como x, mas também o z final, o que V.P. pode ver em *diz, Luiz, fiz*” (cf. TEYSSIER, 1997: 66).

ao coletar dados como ‘pidimos’ (‘pedimos’), ‘firidas’ (‘feridas’), ‘sirvi’ (‘servi’), ‘urgulho’ (‘orgulho’) e ‘custume’ (‘costume’) em documentos datados do século XIII.

Nos exemplos acima, as grafias deixam transparecer a pronúncia das vogais pretônicas na época – o que nos permite afirmar, em consonância com Maia (op. cit.), que, já no século XIII, as vogais [e] e [o] pretônicas eram articuladas como [i] e [u], ou seja, eram alçadas (ou alteadas) quando antecediam sílabas tônicas em que as vogais [i] e [u] estavam presentes. No século XVI, a harmonização vocálica parece já ter se fixado no dialeto padrão de Lisboa, tal como nos mostra Fernão de Oliveira, em 1536, ao exemplificar a “comunicação entre as letras”: ‘bibiam’ (‘bebiam’), ‘mistiço’ (‘mestiço’), ‘pirigos’ (‘perigos’), ‘uliveira’ (‘oliveira’), ‘durmir’ (‘dormir’) (cf. MATTOS E SILVA, 1992: 59). Sendo assim, da mesma forma que o fizemos anteriormente, ao tratar da palatalização de [s], podemos considerar a tendência que o português brasileiro exhibe em altear as vogais médias pretônicas uma herança do português europeu do século XVI – época em que se iniciou a colonização do Brasil”.

Assim como vimos nos demais itens desta seção, o alçamento de vogais médias também não é desconhecido no português contemporâneo. Ao contrário, trata-se de um processo muito comum na nossa língua, generalizado a ponto de os falantes não tratarem pejorativamente o alteamento da vogal média em dados como ‘c[u]ruja’ por ‘coruja’, ‘c[u]zinha’ por ‘cozinha’, ‘p[i]rigo’ por ‘perigo’ e ‘m[i]nino’ por ‘menino’, nos quais as vogais médias-altas [o] e [e] sofrem alteamento e se realizam como altas, por assimilação da altura das vogais [u] e [i] presentes nas sílabas seguintes.

Acrescentemos que, além dos casos de harmonização vocálica, comentados acima, há também casos de alteamento de vogais médias nos dialetos do português do Brasil em que a consoante fricativa alveolar [s] é pronunciada como alveopalatal ([ʃ]). Nesses casos, o traço palatal da consoante pode fazer com que a vogal que a antecede tenha sua altura elevada, a fim de aproximarem-se as alturas, como observamos nos exemplos ‘[i]cada’ por ‘escada’ e ‘t[u]tão’ por ‘tostão’.

Mais uma vez, podemos observar que há processos fonológicos atuantes no português brasileiro contemporâneo que se fizeram importantes na história da língua, visto que foram responsáveis pela fragmentação do latim, que deu origem às línguas românicas, assim como por diversas mudanças verificadas após a constituição do português como língua autônoma, já na fase arcaica. Atualmente, como vimos, os mesmos processos acarretam a existência de variantes na fala dos brasileiros, que podem ser vistas de modo depreciativo ou não, assim como será discutido a seguir.

ALÇAMENTO DE VOGAIS MÉDIAS

A mudança linguística é decorrente da alternância entre duas ou mais variantes em uso nas línguas em geral. Em princípio, tem-se a concorrência entre formas alternantes, até que, após determinado período de tempo, uma delas se sobreponha às demais e permaneça na língua, enquanto as outras caem em desuso, caracterizando, assim, a mudança.

Em relação à história da língua portuguesa, os constantes movimentos de variação e mudança fizeram com que a nossa língua se tornasse autônoma em relação ao latim, que lhe deu origem. As mudanças que acompanharam a evolução da língua, vale lembrar, resultaram da alternância entre formas concorrentes desde o latim vulgar, como atesta, por exemplo, o *Appendix Probi*, em que é condenado o uso de diversos vocábulos colhidos da fala de cidadãos do Império Romano, em oposição às formas prestigiadas, típicas do latim clássico.

Mudança e variação, no entanto, apesar de serem naturais em todas as línguas, estão sempre sujeitas à avaliação social; como vimos acima, desde a época do latim vulgar. Assim, podemos notar, no português brasileiro atual, que há avaliação negativa em relação a alguns vocábulos citados neste capítulo – o que, segundo Bagno (2008: 77) não tem relação direta com a forma linguística, mas com o perfil do falante: “nunca é demais repetir: **a avaliação é essencialmente social** [grifo do autor], isto é, não é propriamen-

te a língua que está sendo avaliada, mas, sim, a pessoa que está usando a língua daquele modo”. É por essa razão que vocábulos frequentemente utilizados nas normas populares do português do Brasil têm menos valor no “mercado linguístico” (BOURDIEU, 1977), já que os usuários dessas normas pertencem a classes sociais mais baixas e têm pouca escolaridade. O mesmo raciocínio pode ser aplicado à situação linguística do Império Romano: o latim vulgar era uma variedade menos prestigiada socialmente não apenas porque se opunha ao latim clássico, mas sobretudo porque era típico das camadas mais baixas da sociedade.

Dentre os processos fonológicos ilustrados neste capítulo, o rotacismo é, sem dúvida, aquele que dá origem aos dados mais depreciados no português do Brasil, por revelarem geralmente a baixa classe socioeconômica e a pouca escolaridade do falante que se utiliza de construções como ‘p[r]ástico’ e ‘b[r]oco’.

Em contrapartida, há outros processos responsáveis pela ocorrência de dados encontrados no português brasileiro contemporâneo sobre os quais recai certa avaliação negativa, porém menos intensa do que aquela verificada entre os dados de rotacismo. A síncope de vogais postônicas nos vocábulos proparoxítonos é estigmatizada em formas como ‘Petrópolis’ ou ‘Petrópolis’ (‘Petrópolis’), cuja ocorrência os falantes tendem a negar. No entanto, o uso de ‘xícra’ sequer costuma ser notado – daí a formação do diminutivo ‘xicrinha’, que não recebe qualquer marca negativa.

Também a apócope do <r> nos infinitivos verbais do português brasileiro, apesar de ser menos percebida pelos falantes, costuma ser negativamente avaliada. São comuns comentários de que os brasileiros dizem ‘falá’, ‘perdê’ e ‘partir’ no lugar de ‘falar’, ‘perder’ e ‘partir’, por exemplo, como se essa apócope fosse uma inovação promovida no Brasil. Entretanto, como aponta Castilho (2002), trata-se de um fenômeno corrente no português europeu do século XVI, que pode ter sido transplantado para o Brasil durante o período colonial. Em relação à passagem do latim ao português, a apócope de vogais postônicas teve relevante papel na evolução de vocábulos terminados sobretudo na vogal [e], que deram origem

a formas atuais terminadas em consoante, assim como ‘amare’ > ‘amar’ e ‘fidele’ > ‘fiel’.

Quanto à epêntese vocálica, não se percebe uma carga negativa sobre as formas em que ela ocorre; ao contrário, dados com ‘arro[ij]’ (‘arroz’) e ‘capu[ij]’ (‘capuz’) parecem não ser notados pelos falantes brasileiros, nem mesmo por aqueles que não palatalizam o [s] em posição pós-vocálica. Há, porém, algumas formas em que a epêntese vocálica costuma ser negativamente avaliada, como em ‘ad[e]vogado’ (‘advogado’), por exemplo, que é frequentemente usada por falantes de baixa escolaridade. Em contrapartida, quando a epêntese é realizada com a vogal [i], a variante deixa de ser estigmatizada: ‘ad[i]vogado’; ‘p[i]neu’.

A palatalização de [s] em posição final de vocábulo ou em posição medial, se antecedido de consoante surda, que caracteriza alguns dialetos do português brasileiro (‘flore[ʃ]’; ‘pa[ʃ]ta’; ‘ca[ʃ]ca’), não costuma receber tratamento pejorativo entre os falantes. O que podemos dizer sobre esse fenômeno é que, muitas vezes, ele serve de base para a identificação da origem do usuário. Em outras palavras, a palatalização do <s> pós-vocálico pode ser considerada muito mais um marcador regional do que um índice de estratificação social no português do Brasil.

Em relação à monotongação dos ditongos [ej] e [ow], que resulta na produção das vogais [e] e [o], respectivamente, podemos dizer que também não se trata de um fenômeno socialmente depreciado. Ao contrário, os falantes em geral costumam realizar as referidas monotongações, independentemente de classe socioeconômica ou escolaridade, de modo que é possível considerar “normais” no português brasileiro as pronúncias de ‘fêra’ (‘feira’), ‘quêjo’ (‘queijo’), ‘calôro’ (‘calouro’) e ‘pôco’ (‘pouco’).

O alçamento e vogais médias pretônicas, assim como a palatalização de /s/ e a monotongação de [ej] e [ow], comentadas acima, é um processo fonológico bastante frequente no português do Brasil que não atrai para o falante uma avaliação negativa relacionada a seu uso. Em outras palavras, pronúncias como ‘c[u]

rtina’ (‘cortina’), ‘m[u]eda’ (‘moeda’), ‘p[i]dido’ (‘pedido’) e ‘s[i]ntido’ (‘sentido’) são muito comuns entre os falantes brasileiros e não costumam ser alvo de preconceito linguístico.

Quanto ao julgamento de valor sobre os dados que resultam da atuação dos processos fonológicos vistos neste capítulo, há três situações diferentes: (1) casos em que a forma variante é extremamente estigmatizada (‘c[r]ube’); (2) dados que são depreciados pelos falantes, mas com menor intensidade (‘abóbra’); e (3) casos em que os falantes parecem nem se dar conta de que há variação: ‘p[e]xe’ (‘peixe’). Assim, podemos dizer que a variação, resultando ou não em mudança linguística, pode se espalhar por diversos grupos de falantes ou ficar restrita a determinados grupos sociais. Na primeira situação, as formas linguísticas variantes não costumam ser muito depreciadas, devido à generalidade que faz com que elas sejam consideradas usuais ou “normais”. No segundo caso, entretanto, o vínculo de determinados vocábulos com grupos de falantes de baixa classe socioeconômica e pouca escolaridade pode fazer com que surja o preconceito linguístico.

PALAVRAS FINAIS

Como pudemos notar, houve inúmeros processos fonológicos envolvidos na evolução do latim ao português atual, que, em um primeiro momento, promoveram mudanças responsáveis pelo distanciamento do latim vulgar em relação ao clássico e, ao longo dos séculos, permitiram o surgimento de novos segmentos fônicos, bem como desencadearam mudanças que estão na base da formação da língua portuguesa. Vimos também que os mesmos processos fonológicos que foram capazes de levar à formação de línguas diferentes a partir do latim podem, ainda, ser responsáveis por determinadas variações verificadas na fala brasileira atual (metaplasmos contemporâneos). Portanto, a variação e a mudança linguísticas estão sempre em curso, permitindo que, muitas vezes, o olhar sobre a história da língua nos ajude a justificar um fenômeno contemporâneo.

EXERCÍCIOS

12. Leia os dois fragmentos de textos abaixo, datados de 1316 e 1433, respectivamente, e decida qual deles se assemelha mais às características do português arcaico. Não esqueça de mostrar dados que justifiquem suas impressões.

a. “A. Dei gratia Rex Portugal, et Algarbijvniuersis presentam cartam inspecturisnotumfacio, quod quedam literaReligiosarumdominarumAbbatisse, et conuentus de loruão ejusdem Abbatissesirillata per Illustrem filiam meam dominam Brancampresentata, cujus tenor talis est. [...]”

b. “Perseuerar nom podem em ordenança, os que per aucto de dar e de reçobernem som aiuntados, porque onde hũa cousa nom reçoibe da outra, e todo se há cunpridamente per ygualza, primeyro e segundo se nom pode achar. [...]”

(Fonte: TARALLO, 1990: 186-187)

13. Com base no *corpus* a seguir, identifique os processos que levaram às formas encontradas no português, levando em conta todas as alterações ocorridas nos dados:

capio > caibo
 minacia > ameaça
 amore > amor
 ibam > ia
 gradu > grau
 filium > filho

14. A seguir, são listados alguns dados do português contemporâneo em que se vê a atuação de diferentes processos fonológicos nas formas variantes. Identifique os processos e justifique suas ocorrências.

“Não gosto de lê muito. Prefiro vê um filme.”

“Me dêxa em pai[f], por favor!”

“Você usa óclus?”

“Eu go[f]to muito de pêxe.”

RESPOSTAS COMENTADAS

1. Pelos dados, observa-se que os grupos consonantais se conservam quando vêm precedidos de consoante. A mudança atua no contexto intervocálico, situação em que a primeira consoante do grupo se torna sonora, quando surda (‘putre’ > ‘podre’), e cai, quando sonora (‘frangare’ > ‘cheirar’).

2. A oclusiva sonora cai quando pelo uma das vogais adjacentes não é recuada, a exemplo de ‘ego’ > ‘eu’. Se as duas vogais circunvizinhas são recuadas, esse segmento se mantém.

3. Pelos dados, pode-se observar que degeminação não ocorreu antes dos outros dos fenômenos, pois criaria contexto tanto para que surdas se sonorizassem (em ‘peccato’, isto não aconteceu) quanto para que sonoras lenizassem (em ‘additione’, o /d/ se mantém). Do mesmo modo, a sonorização não pode ser anterior lenização, o que levaria as sonoras resultantes, quando oclusivas, a passar pelos processos que caracterizaram essa série: apagamento (com /d, g/) e confluência com /v/. Isto não ocorreu, por exemplo, com ‘uitam’ > ‘vida’ > *via e ‘superbia’ > ‘soberba’ > *soverba. Desse modo, a sonorização e a degeminação são processos fonológicos que ocorreram numa fase histórica posterior à fase em que se deu o processo de lenização.

4. Os ditongos se explicam pela queda das soantes intervocálicas, como em ‘malum’ > ‘mau’, e pela queda de /d/ nesse mesmo ambiente, como em ‘gradu’ > ‘grau’. Também se explicam pela vocalização das oclusivas /k, g/ em coda silábica, a exemplo de ‘regnu’ > ‘reino’.

5. As palatais se originaram da dissolução de grupos consonantais, como ‘plano’ > ‘chão’, e principalmente da presença de vogal alta anterior em posição subsequente à de consoantes em que a parte anterior da língua constitui articulador ativo, como /s/ (‘passione’ > ‘paixão’) e /l/ (‘malea’ > ‘malha’). A oclusiva velar sonora também se transforma em palatal quando seguida por /e, i/, a exemplo de ‘gemere’ > ‘gemer’.

6. No que diz respeito ao ditongo /æ/, os dados evidenciam a passagem a uma vogal alta anterior, /i/, quando o encontro vocálico localizava-se em sílaba átona (pretônica). Em sílaba tônica, o ditongo também é marcado pelo fenômeno da coalescência, uma vez que os dois segmentos evoluem para um terceiro, nesse caso, uma vogal média aberta, /ɛ/.

A vogal média anterior breve, /ě/, apresenta três diferentes correspondentes nos dados, a depender do segmento final. Quando a vogal final não é alta, tem-se uma média aberta, /ɛ/. Quando a vogal final é alta, ocorre o fenômeno da metafonia e o esperado /ɛ/ pode subir um grau (se a vogal é breve) ou dois graus (se a vogal é longa).

7. Em ‘uěřĩcũnia’, o *glide* inicial se consonantiza, isto é, passa a /v/ e a surda intervocálica se sonoriza, passando a /g/. No que diz respeito às vogais, a tônica breve desce um grau e se realiza /o/ e a pretônica imediatamente anterior sofre síncope, por ser seguida de /r/, elemento que pode aparecer na posição de coda. A presença de /i/ após a nasal promove a palatalização desse segmento, sendo assimilada por ele, originando um /ɲ/. Por fim, a primeira vogal da palavra, por ser longa, apenas perde a quantidade, realizando-se fechada. O resultado final, após todos os processos, é ‘vergonha’.

Com ‘cĩcõnea’, com acento na sílaba ‘cõ’, a surda intervocálica se sonoriza e passa a /g/. A consoante inicial, embora seja igual à segunda em latim, está diante de /i/, sofrendo, com isso, uma anteriorização (passa de velar à alveolar) e africativização (assume a forma de /ts/). Após perder o início oclusivo, o segmento em questão evolui para /s/, uma fricativa. No que diz respeito às vogais, a tônica, após a perda da quantidade, realiza-se fechada (/o/) e a pretônica, por ser breve, desce um grau, chegando ao português como uma média fechada, /e/. Por fim, o hiato final é desfeito com o alçamento da primeira vogal que, ao se realizar alta, promove a palatalização da nasal, sendo por ela assimilada. A forma correspondente em português é, portanto, ‘cegonha’.

A palavra ‘uĩrīde’ é uma proparoxítone em latim (clássico), uma vez que a penúltima sílaba é aberta (não tem coda) e tem núcleo preenchido por vogal breve. Essa vogal é realizada como média, /e/, em decorrência da associação da quantidade pela altura. A primeira postônica sofre síncope, uma vez que são boas as condições de ressilabificação (a consoante precedente, /r/, pode ser coda). Com a queda da vogal, destrói-se o ambiente intervocálico a oclusiva sonora se mantém. Por fim, o *glide* inicial se consonantiza, passa a /v/. Com a atuação desses processos, o resultado final é ‘verde’.

A paroxítone ‘cātēna’ tem sua oclusiva surda sonorizada no ambiente intervocálico. Com a perda da quantidade, as vogais longas se realizam fechadas, o que explica a correspondência total, nessa palavra, entre as vogais do latim e do português. A nasal intervocálica sofre síncope e nasaliza a vogal precedente. A nasalidade, no entanto, não se mantém, porque as vogais são diferentes. O hiato final promove a inserção do glide anterior, /j/, separando as vogais por um ditongo decrescente. Essa forma, portanto, evolui para ‘cadeia’, já que a consoante inicial se mantém inalterada.

8. Os ditongos se explicam pela queda das soantes intervocálicas, como em *malum* > *mau*, e pela queda de /d/ nesse mesmo ambiente, como em *gradu* > *grau*. Também se explicam pela vocalização das oclusivas /k, g/ em coda silábica, a exemplo de *regnu* > *reino*. Os ditongos nasais surgem por conta da síncope de /n/ intervocálico. A queda de /l/ justifica o aparecimento do ditongo /ɛj/, somente encontrado nas formas de plural.

9. O chamado plural metafônico é, na verdade, resultado do processo de metafoia nas formas de singular, uma vez que foram elas, por apresentarem vogal final alta, que tiveram o timbre da tônica fechado. As formas de plural terminavam em média, impedindo a aplicação da regra. Numa perspectiva sincrônica, as formas de plural, por serem uma expansão morfológica do singular, são as consideradas marcadas. No entanto, historicamente, as formas marcadas são as de singular.

10.a) De fato, o acento do latim vulgar passou a fonológico, pois deixa de ser influenciado pela quantidade das vogais ou das sílabas. Se a quantidade das vogais regulava o acento e se perdeu na variedade popular, o acento deixa de ser previsível.

b) O latim apresentava apenas três graus de altura, pois só apresentava uma variedade de médias. Com a associação quantidade-altura, o português passa a apresentar quatro graus de altura, uma vez que opõe dois tipos de vogais médias: as abertas (médias de primeiro grau ou médias-baixas) e as fechadas (médias de segundo grau ou médias-altas).

11. As formas ‘īn.tě.gru’, ‘uī.rī.de’ e ‘cō.lū.bra’ são proparoxítonas no latim clássico, uma vez que a penúltima sílaba, em todos os casos, é aberta (não apresenta coda) e tem vogal breve no núcleo. A forma ‘mū.līě.re’, por sua vez, é paroxítona por apresentar encontro vocálico na penúltima sílaba. No latim vulgar, as três proparoxítonas são realizadas como paroxítonas, sendo que ‘īn.tě.gru’ e ‘cō.lū.bra’ sofreram diástole por apresentarem *onset* complexo na sílaba final. A palavra ‘uī.rī.de’ é caracterizada pela síncope da primeira postônica, tendo em vista as condições de ressilabificação (a consoante precedente, /r/, pode ser coda). A forma ‘mū.līě.re’, por sua vez, é realizada como oxítona, uma vez que a vogal final sofre apócope por figurar depois de uma alveolar. Em português, essas palavras mantêm o acento do latim vulgar, pois evoluíram para ‘inteiro’, ‘verde’, ‘cobra’ e ‘mulher’.

12. Embora os dois textos sejam datados do período arcaico (séculos XIV e XV), há diferenças entre eles que nos permitem identificar o primeiro (a) mais com o latim, pelo uso de formas como ‘rex’ e ‘cartam’, por exemplo, que remontam ao latim, utilizando, inclusive, formas com sufixo acusativo (‘cartam’) e verbos conjugados tal como no latim clássico (‘facio’, ‘est’). Parece que o escriba não tem certeza da grafia, uma vez que temos vários casos de geminação de consoantes, mas, em ‘litera’, a consoante oclusiva [t] aparece degeminada, mostrando que a degeminação de consoantes já era uma mudança consolidada. A escrita também não mostra sinais da palatalização em ‘filiam’.

O fragmento em (b), por sua vez, apresenta formas que nos permitem associá-lo até mesmo ao português moderno, como ‘dar’, ‘achar’, ‘podem’, ‘onde’. Nos dados do texto, podemos, ainda, observar reflexos da consonantização dos glides [w] e [j] em ‘perseuerar’ e ‘aiuntados’, que deram origem a ‘perseverar’ e ‘ajuntados’, respectivamente.

13. Em ‘capio’, a sonorização das consoantes surdas intervocálicas foi responsável pela mudança de [p] para [b] e a hipétese levou ao deslocamento da semivogal [j] para a sílaba tônica, resultando na forma verbal ‘caibo’.

Em ‘gradu’, a síncope das consoantes sonoras intervocálicas ocasionou a queda de [d], que deu origem à forma atual ‘grau’.

Em ‘amore’, temos o processo de apócope da vogal [e], que deixa um erre na borda direita da palavra.

Na forma ‘ibam’, temos a atuação de dois processos já citados aqui: síncope da consoante sonora intervocálica [b] e apócope da nasal final [m].

Em ‘filium’, houve a apócope da consoante nasal final [m], que deu origem a um vocábulo terminado em vogal no português, e a palatalização do segmento lateral [l], que resultou na criação da lateral palatal [ʎ].

Por fim, em ‘minacia’, ocorre a prótese da vogal [a], por conta da aglutinação do artigo feminino ao substantivo que lhe seguia.

14. Nos dados ‘lê’ e ‘vê’, tem-se o processo de apócope do segmento consonântico final, pelo seu enfraquecimento (lenização), da mesma forma que já ocorria no latim (nomen > nome).

Em ‘dêxa’, observamos a monotongação de [ej], frequente no português brasileiro atual e ocorrida entre os séculos XVII e XVIII em Portugal. Em ‘pai[ʃ]’, tem-se o processo de epêntese vocálica, em função da articulação do segmento final como [ʃ].

Por fim, em ‘óclus’, temos a síncope da vogal da sílaba postônica, transformando uma palavra proparoxítona em paroxítona, assim como já acontecia no latim vulgar.

Em ‘go[ʃ]to’, temos a palatalização do segmento [s], verificada em alguns dialetos do português brasileiro. O dado ‘pêxe’, por sua vez, tem relação com a monotongação do ditongo [ej], muito comum no Brasil e diacronicamente registrada no português europeu.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, E. "As origens das línguas românicas" in: *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BAGNO, M. *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*. Brasília: UnB, 2007.
- _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é e como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BOTELHO, J. M. & LEITE, I. L. Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. In: *Anais do II CLUERJ-SG*, Volume Único, Ano 2, nº 01, 2005.
- BOUCIER, É. *Éléments de linguistique romane*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1945.
- BOURDIEU, P. L. *L'économie des échanges linguistiques*. Langue Française, 1977.
- CASTILHO, A. T. de. O português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística românica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 237-269.
- CASTRO, Ivo. *Introdução à história do português*. Lisboa: Colibri, 2004.
- _____. Formação da língua portuguesa. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. (orgs.). *Gramática do português*. vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 7-14.
- CHAVES DE MELO, G. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. RJ: Ao livro técnico, 1981.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Backwell, 1995, p. 245-306.
- COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. 6ª. Ed., Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.
- CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1976.
- FARIA, E. *Fonética Histórica do Latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- GONÇALVES, C. A. *Afêrese e prótese: verso e reverso morfológico*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Filologia). Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1994
- IORDAN, I; MANOLIU, M. *Manual de Linguística Românica*. Madrid: Gredos, 1972.
- LEITE, Y. & Callou, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- MAIA, M. C. *História do galego-português; estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: I.N.I.C., 1986.
- MARINHO, M. A. *Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- MATTOS e SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1992.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4a. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MAURER JR., T. H. *O problema do latim vulgar*. Rio da Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- MEIER, H. *Ensaio de filologia românica*. Rio de Janeiro: Griffo, 1974.
- MIAZZI, M. L. F. *Introdução à lingüística românica*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1922.
- ROCHA LIMA, C. E. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.
- RONDININI, R. B. *O acento primário no latim clássico e no latim vulgar: o tratamento da mudança na perspectiva da Teoria da Otimidade*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

- SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 21ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 2001.
- SILVA NETO, S. da. *Fontes do latim vulgar: o Appendix Probi*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.
- _____. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1950.
- SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964.
- SOUZA, M. P. de. *Formações X-ário no português do Brasil: um estudo sobre a produtividade lexical*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- TARALLO, F. *Tempos lingüísticos; itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1997.
- WILLIAMS, E. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1961.
- ZÁGARY, M. *Fonologia diacrônica do português*. Juiz de Fora: Ed. da Universidade, 1988.

OS AUTORES

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves é Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 1993. É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (CNPq) desde 1999 e cientista da FAPERJ (UFRJ). Sua pesquisa está concentrada na área de morfologia do português e na interface fonologia morfologia. É o autor dos livros *Atuais tendências em formação de palavras* (Editora Contexto, 2016), *Iniciação aos estudos morfológicos* (Editora Contexto, 2011) e *Introdução à morfologia Não-linear*. Tem mais de cem artigos publicados tanto no Brasil quanto no exterior.

Ana Paula Victoriano Belchor é doutor e mestre em Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e possui Bacharelado em Letras (Português/Literatura) pela mesma instituição. É Professor Adjunto IA da Universidade Federal do Rio de Janeiro e integrante do NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português). Tem vários artigos publicados em importantes periódicos nacionais e capítulos de livros, dentre os quais se destacam “*Processos “marginais” formação de palavras*” (Editora Pontes, 2016) e “*Otimidade em foco: morfologia e fonologia*” (Editora Publit, 2009).

